



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

ANA RACHEL GONDIM CABRAL DE VASCONCELOS

**AUTORIDADE PROFÉTICA E AUTOIMAGEM
EM HILDEGARD VON BINGEN**

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

ANA RACHEL GONDIM CABRAL DE VASCONCELOS

**AUTORIDADE PROFÉTICA E AUTOIMAGEM
EM HILDEGARD VON BINGEN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Mestre. **Área de concentração:** Literatura e Estudos Interculturais. **Linha de pesquisa:** Literatura, memória e estudos culturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V331a Vasconcelos, Ana Rachel Gondim Cabral de.
Autoridade profética e autoimagem em Hildegard Von Bingen [manuscrito] / Ana Rachel Gondim Cabral de Vasconcelos. - 2022.
78 p. : il. colorido.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Autoimagem. 2. Autoridade profética. 3. Mulher. 4. Atuação pública. 5. Século XII. I. Título

21. ed. CDD 248.2

ANA RACHEL GONDIM CABRAL DE VASCONCELOS

**AUTORIDADE PROFÉTICA E AUTOIMAGEM
EM HILDEGARD VON BINGEN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Mestre. **Área de concentração:** Literatura e Estudos Interculturais. **Linha de pesquisa:** Literatura, memória e estudos culturais.

Aprovada em: 04/4/2022

BANCA EXAMINADORA

Maria Simone Marinho Nogueira

Prof.^a Dr.^a Maria Simone Marinho Nogueira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Luciana Eleonora de Freitas C. Deplagne

Prof.^a Dr.^a Luciana Eleonora de Freitas C. Deplagne
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Antonio Carlos de Melo Magalhães

Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ricardo e Anastácia, ao meu irmão, Caio, e demais familiares, que sempre me incentivaram e apoiaram incondicionalmente.

Agradeço à Professora Dr^a. Simone Marinho, minha orientadora, por todas as correções e observações. Agradeço também pela confiança, gentileza, atenção e apoio dispensados desde o princípio.

À Professora Dr^a. Luciana C. Deplagne, pelas críticas, sugestões e dicas valiosas, que muito contribuíram para a pesquisa.

Ao Professor Dr. Antonio Carlos, por todos os conselhos, principalmente sobre escrita e práticas de pesquisa, sem os quais esta dissertação seria muito inferior.

Agradeço também à CAPES, pela bolsa concedida, a Bruno Roberto, da Biblioteca CIA II, e a todos os profissionais que compõem o PPGLI.

RESUMO

A presente dissertação tem por objeto de estudo a mística e profetisa Hildegard von Bingen (1098-1179), mais especificamente sua autoridade profética e autoimagem. A partir de suas *Cartas* - gênero textual considerado autobiográfico por si só - e os prólogos de seus livros visionários, procura-se entender, por suas próprias palavras, como se deu a sua atuação pública; o que permitiu que alcançasse tamanha importância e influência, sendo mulher; e como ela via a si própria e ao seu ministério. Para tanto, inicia-se explicando os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, a escolha das *Cartas* como principal fonte e a plausibilidade de se falar em conceitos como “subjetividade” e “textos autobiográficos” em se tratando de uma autora medieval. Em seguida, o foco está na sua atuação pública, na sua fama de profetisa, nas “viagens apostólicas” conhecidas por suas *Cartas* e nas próprias *Cartas* trocadas com autoridades eclesásticas e seculares, a quem muito influenciou. Destacar-se-ão que imagem a profetisa procurou passar e algumas das estratégias utilizadas para a legitimação de seu discurso e consequente aprovação das autoridades estabelecidas, como a ênfase em sua ignorância e pequenez, a obediência à ordem divina e a ênfase nas doenças e no sofrimento. Por último, se dirá como ela via a si própria e ao seu ministério.

Palavras-Chave: Cartas; Hildegard von Bingen; Autoimagem; Autoridade; Mulher Medieval; Século XII.

ABSTRACT

The object of this study is the mystic and prophetess Hildegard von Bingen (1098-1179), more specifically, her prophetic authority and self-image. Starting from her Letters - a textual genre considered itself autobiographical - and the prologues of her visionary writings, we seek to understand, through her own words, how her public atuation took place; what allowed her to achieve such importance and influence, as a woman; and how she saw herself and her ministry. In order to do so, the thesis begins by explaining the theoretical-methodological aspects of this research, the choice of Letters as the main source and the plausibility of talking about concepts such as “subjectivity” and “autobiographical texts” in a medieval author. Subsequently, the focus will be on her public atuation, on her fame as a prophetess, on the “apostolic journeys” known by her Letters and the correspondence exchanged with ecclesiastical and secular authorities, whom she greatly influenced. It will be explained what image the prophetess wanted to have and some of the strategies used to legitimize her speech and consequently approval of the established authorities, such as the emphasis on her ignorance and smallness, obedience to the divine order and the emphasis on diseases and suffering. Finally, it will be said what she thought about herself and her ministry.

Keywords: Letters; Hildegard von Bingen; Self-image; Authority; Medieval Woman; Twelfth Century.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 SOBRE CARTAS E “SUJEITO” NA IDADE MÉDIA	10
2.1 Aspectos Teórico-Metodológicos	11
2.2 Cartas: “Autobiografia em Documentos”	14
2.2.1 As Cartas de Hildegard von Bingen	17
2.2.1.1 A Escrita de Hildegard	18
2.3 A “Descoberta do Indivíduo” no século XII	23
2.3.1 O caso Richardis von Stade	27
3 HILDEGARD VON BINGEN, A SIBILA DO RENO	32
3.1 O Profetismo de Hildegard	34
3.2 Atuação Pública: Viagens, Pregações e Cartas	39
3.2.1 Relação com Autoridades Eclesiásticas	41
3.2.2 Relação com Autoridades Seculares	45
4 HILDEGARD SOBRE ELA MESMA: ESTRATÉGIAS PARA A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO	47
4.1 Ênfase na Ignorância e Pequenez	48
4.2 Obediência à ordem divina	50
4.3 Ênfase nas doenças e no sofrimento	51
4.4 Referências à Juventude	55
5 “EU, POBRE E INDOUTA FORMA FEMININA”	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	75
ANEXO A - Riesencodex	75
ANEXO B – “Autorretrato” do Scivias	76
ANEXO C – “Autorretrato” do Liber Divinorum Operum	77

1 INTRODUÇÃO

Na presente dissertação se tem por objeto a figura de Hildegard von Bingen, importante mulher do século XII. Intelectual com autoridade temporal e espiritual, foi escritora, profetisa, filósofa, linguista, compositora, musicista, poetisa, dramaturga, cosmóloga, pintora, pregadora, exegeta, naturalista e conselheira de pontífices e imperadores. A partir de discussões suscitadas no meio acadêmico acerca da importância das mulheres na Idade Média, chegou-se ao nome de Hildegard von Bingen, uma das mais influentes do século XII, que possui uma extensa e variada obra escrita, ainda pouco explorada pelos estudiosos

Olhando para Hildegard no contexto medieval, percebe-se que ela apresenta uma série de particularidades que a distinguem de grande parte das místicas medievais, por exemplo, ela atém-se menos à sua vida interior e mais a questões políticas e eclesiásticas, atuando publicamente, e não depende da figura do confessor. Por estes e outros motivos, ela é considerada uma mulher medieval *sui generis*, “menos uma mística do que uma mestra profética” (MCGINN, 2017, p. 492), por isso muitos, mesmo listando-a dentre as místicas medievais, preferem não defini-la desta maneira.

Para melhor descrever Hildegard, desde o século XII estudiosos recorrem à comparação com os profetas veterotestamentários, enquadrando-a, a partir de sua experiência visionária e sua atuação perante os poderes espiritual e temporal, como profetisa, pois ela muito influenciou a sociedade da sua época, como porta-voz de Deus. Personalidades do século XII viam-na desta maneira, como o monge Guibert de Gembloux; Theodoric von Echernach; o Papa Eugênio III; Elisabeth von Schönau, como se verá mais adiante na pesquisa.

Autoras(es) contemporâneas, embora não costumem aprofundar, endossam o pensamento medieval de que Hildegard era profetisa. Maria Carmen Gomes Martiniano (2009), por exemplo, afirma que, por meio da comparação com a espiritualidade das profetisas bíblicas, a de Hildegard é melhor definida; Barbara Newman (1987) aponta similaridades entre a maneira como Hildegard descreve suas experiências, recorrendo a uma linguagem simbólica, com metáforas e parábolas, e a dos profetas; e Coakley (2006) afirma que Hildegard é superior a Natã e Elias, dois profetas do Antigo Testamento, por, diferentemente deles, ver a Sombra da Luz Viva o tempo inteiro, enquanto eles só viam a Deus ocasionalmente.

Tendo em vista que é principalmente devido à sua atuação pública que ela é distanciada de muitas místicas dos séculos XIII e XIV, e sabendo que muitos de seus contemporâneos compararam-na aos profetas veterotestamentários, nesta pesquisa buscou-se verificar, a partir do que ela revela em suas *Cartas*, em especial, como se deu sua atuação pública, como ela buscava se apresentar, como foi possível possuir tamanha influência e liberdade para viajar e pregar por toda a Alemanha, e como ela via a si própria e ao seu ministério.

Por suas *Cartas* e pelos prólogos de seus livros visionários, escritos em primeira pessoa do singular, é possível conhecer muito de Hildegard. Seu extenso epistolário registra tanto admoestações a papas e reis e explicações teológicas a teólogos, como também seu lado mais emotivo e vulnerável. Há certo grau de subjetividade por trás do tom solene, das inúmeras citações bíblicas e das marcações da arte epistolar medieval, e ela chega a demonstrar, por vezes, intensa irritação, preocupação e mesmo tristeza e decepção, por isso, assume-se aqui que existem textos autobiográficos de Hildegard, embora esta seja uma terminologia moderna, e que eles apresentam, direta ou indiretamente, tanto a imagem que ela tinha de si e de seu ministério, como sua autoridade e as estratégias discursivas que permitiram que ela tivesse tanta influência e liberdade para pregar.

Hildegard “escreveu” em latim, de dentro da instituição e em defesa dela e da mensagem evangélica, frequentemente denunciando autoridades. Quando falava por si própria, era humilde e contida; quando falava em nome de Deus, assumia uma voz cheia de autoridade espiritual e tanto dispensava orientações e consolos, como também, a depender do correspondente, ordens e repreensões. Seus escritos ajudam a entender o que a fez, a despeito de se apresentar como uma *indocta mulier*, desempenhar um relevante papel social, com imensa influência, sem que, na maior parte do tempo, tenha sofrido censura ou retaliação – e isto parece só ter sido possível devido à sua identificação como profetisa, algo que precisa ser melhor compreendido.

É a sua natureza profética – sempre reiterada pela ênfase que dá em sua ignorância e insignificância – que explica ela ter viajado realizando pregações, escrito cartas, tratados teológicos e até mesmo atuado como “exorcista” num tempo em que a maioria das mulheres não desempenhava um papel público relevante. Segundo Sabina Flanagan (1998), todas as suas atividades estão de alguma forma enraizadas no seu papel de profetisa. Esta pesquisa tem, portanto, o objetivo de lançar um pouco de luz sobre a pessoa de Hildegard, em especial sua percepção de si e sua autoridade profética.

Nota-se a necessidade de um aprofundamento deste tema em âmbito internacional e, principalmente, nacional, porque, em se tratando de Hildegard, sendo do longínquo século XII, há ainda mais perguntas que respostas. Apesar de, desde a década de 1970, vir sendo alvo de um crescente interesse, ela precisa ser mais e melhor conhecida – prova disto é que mesmo uma autora consagrada como Michelle Perrot, em sua obra *Minha História das Mulheres*, ao reconhecer a importância de Hildegard e enaltecê-la, acaba confundindo-se e citando como sua *Hortus Deliciarum*, que é, na realidade, a mais importante obra de Herrad von Landsberg, outra mulher medieval¹.

Pelos padrões encontrados em sua escrita, percebe-se que ela fez uso de estratégias discursivas que possibilitaram que desempenhasse tão importante papel: a ênfase em sua ignorância e pequenez; a obediência à ordem divina; a ênfase nas doenças e no sofrimento e a menção à própria infância como prova de que desde sempre era alguém diferente, “escolhido”. Isto, além de sua identificação como profetisa, seu carisma, inteligência e a ortodoxia de seus ensinamentos – que por vezes se assemelham aos de Rupert von Deutz e Bernard de Clairvaux -, parece ter propiciado a aprovação das autoridades da época, conseqüentemente, sua liberdade para atuar publicamente. Portanto, o aprofundamento do estudo acerca da autoimagem e da autoridade profética de Hildegard é necessário para que se possa compreender mais sobre esta figura tão importante que ajudou a moldar a sociedade da época com sua influência.

Num primeiro momento, a pesquisa será classificada quanto à abordagem, natureza e procedimento, e será exposto o embasamento teórico, com breves descrições do *Riesencodex*, importante manuscrito da autora, das edições utilizadas de suas obras e dos principais estudos consultados na pesquisa. Será explicado o porquê das *Cartas*, um importante material de estudo para pesquisadores de diversas áreas, terem sido escolhidas como a principal fonte desta pesquisa; por que é possível chamar de “textos autobiográficos” de Hildegard von Bingen tanto as suas *Cartas* como os prólogos de seus livros visionários; e serão mencionadas algumas das principais características de sua escrita.

¹ Como se vê na seguinte passagem: “Tais são os caminhos das primeiras mulheres que escrevem, das pioneiras da escrita: Safo, a misteriosa poetisa grega que, ao final do século VII, anima, em Lesbos, um grupo coral onde cantam as jovens da boa sociedade; **a religiosa Hildegarde de Bingen, autora, no século XII, do Hortus Deliciarum (Le Jardim des délices, coletânea de cantos gregorianos)**; Marguerite Porete (Le Miroir des ames simples et anéanties), morta na fogueira como herética no século XIV; Catarina de Siena, letrada e conselheira do papa; a grande Christine de Pisan, cuja obra La Cité des dames marca uma ruptura no século XV” (PERROT, 2006, p. 31, destaques nossos).

Em seguida, destacar-se-ão aspectos históricos, culturais e religiosos que circundam a pensadora estudada, para melhor compreensão do contexto em que estava inserida, de sua visão de mundo e da decorrente atuação pública. Tendo em vista que Hildegard ficou conhecida como profetisa, é preciso verificar a sua atuação pública, desempenhada por meio das *Cartas*, trocadas com autoridades eclesiásticas e seculares, e de “viagens apostólicas” que fez para pregar. Serão ainda expostas algumas das estratégias utilizadas para a legitimação de seu discurso e consequente aprovação das autoridades estabelecidas, como a ênfase em sua ignorância e pequenez, a obediência à ordem divina, a ênfase nas doenças e no sofrimento e as descrições relativas à sua infância que corroboram os três pontos anteriores.

Por último, a partir do que foi levantado nos capítulos anteriores sobre a autoridade que possuía perante autoridades seculares e eclesiásticas, da forma como se referia a si própria nas *Cartas* e prólogos dos livros visionários, e da postura com a qual se manteve mesmo nos momentos de crise, será demonstrado que Hildegard não apenas procurava se enquadrar na tradição profética do Antigo Testamento, ao se apresentar, mas via-se como verdadeira profetisa e encarava seu ofício profético, de fazer ecoar as palavras reveladas pelo próprio Deus, como sua missão. A profetisa procurou passar uma imagem bastante específica, como por fim se verá, condizente com a sua autoimagem e com o modo como ficou conhecida por seus contemporâneos e por personalidades dos séculos seguintes.

2 SOBRE CARTAS E “SUJEITO” NA IDADE MÉDIA

Neste primeiro capítulo, são expostos os procedimentos utilizados nesta pesquisa, as fontes analisadas e consultadas e as etapas que serão percorridas nos próximos capítulos. Assim, inicialmente, são feitos alguns esclarecimentos acerca das fontes medievais, ora escassas – devido à perda ao longo do tempo –, ora abundantes, como é o caso das relativas a Hildegard von Bingen. Em seguida, as fontes primárias, em especial as *Cartas*, são esmiuçadas e é apresentado um breve panorama quanto às fontes secundárias – os estudos e as obras relevantes que envolvem o objeto de estudo e são aqui utilizados.

Também será explicado detidamente o uso das *Cartas* como principal fonte desta pesquisa. Cartas são usadas desde a Antiguidade para dar confiabilidade às narrativas históricas e, na Idade Média, tiveram seu uso ampliado, sendo utilizadas, tanto por homens como por mulheres², religiosos ou leigos, para as mais diversas funções sociais, como documento, instrumento administrativo, literário, contábil e real (CONSTABLE, 1967).

Na Idade Média, a escrita de cartas ganhou um caráter mais formal, relacionado à leitura pública e compartilhada, e uma estrutura fixa a ser seguida, codificada nos manuais de estilo da *Ars Dictaminis*, um desenvolvimento³ da Arte Retórica. No entanto, cartas medievais – principalmente dos séculos X em diante – podiam também apresentar um texto mais leve, por vezes breve, de conteúdo íntimo e pessoal, como relatos sobre a vida particular, demonstração de sentimentos, dúvidas vocacionais etc. Passou a existir uma verdadeira tensão entre a convenção, a marcação epistolar, e a autenticidade, a espontaneidade, isto significa que, embora apresente uma estrutura fixa, exemplar, a ser seguida, e esteja relacionada à arte retórica, dos discursos, da fala pública, com frequência ela também apresenta marcas da individualidade daquele que escreve. Por isso Karl Pivechama o epistolário de Gerbert d’Aurillac (946-1003) de “autobiografia em documentos” (1939, p.35).

² A professora Joan Ferrante tem disponibilizado traduções de cartas de e para mulheres que viveram entre os séculos VI e XIII no site: <https://epistolae.ctl.columbia.edu/home>

³ Num primeiro momento, pode parecer estranha a relação entre a arte epistolar e a arte retórica, mas uma é de fato decorrente da outra. É preciso lembrar que a definição mais simples de carta é “conversa entre ausentes”; que as regras da composição do discurso eram as mesmas, na Alta Idade Média, da composição das cartas; e que estas eram escritas para serem lidas em voz alta pelo mensageiro aos destinatários. Muitas delas, inclusive, eram escritas com a intenção clara de parecerem um discurso, com muitas características da apresentação oral, como se o remetente ali estivesse falando pessoalmente (RENSWOUDE, 2019).

Dentre as grandes personalidades dos séculos X-XII que deixaram cartas está Hildegard von Bingen. Nelas, vê-se tanto a formalidade da carta enquanto documento público e revelador sobre os costumes, a sociedade e a política da época, como também seu lado mais íntimo e pessoal. Esta versatilidade, que já se vê nas cartas medievais, tornou-se conhecida, na contemporaneidade, como a principal característica deste gênero.

Assim, por revelarem o lado mais subjetivo do autor, pode-se irmanar as cartas às memórias e aos diários, como uma espécie de “autonarrativa”. As cartas de diversas personalidades do século XII – período, não à toa, conhecido como de “descoberta do indivíduo” –, como Hildegard, trazem marcas de seu temperamento, visão de mundo e modo de ser e agir, além dos conselhos, repreensões, advertências e consolações. Por isso, as *Cartas* de Hildegard são uma fonte valiosa para o estudo de sua autoridade e percepção de si e, também por este motivo, embora seja conhecida a obra monumental de Hildegard, seu epistolário foi escolhido aqui como a principal fonte.

2.1 Aspectos Teórico-Metodológicos

Inicia-se esta seção com a classificação desta pesquisa quanto à abordagem, à natureza, aos objetivos e aos procedimentos. De acordo com a área, o objeto e os objetivos, a abordagem mais adequada é a qualitativa, que é fundamentalmente interpretativa (FONSECA, 2002): a partir da descrição do objeto de estudo, parte-se para a análise e interpretação dele. Destaca-se o aspecto subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências, a valorização do contexto em sua totalidade e o grande número de fontes estudadas, enquadrando-se na explicação de Creswell:

O pesquisador qualitativo vê os fenômenos sociais holisticamente. Isso explica por que estudos de pesquisa qualitativa aparecem como visões amplas em vez de microanálises. Quanto mais complexa, interativa e abrangente a narrativa, melhor o estudo qualitativo (2007, p. 187)

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica, pois a resolução do problema tem como fim imediato fazer avançar o conhecimento científico e vem acompanhado de uma indispensável revisão bibliográfica. Quanto ao objetivo, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois o que se deseja é proporcionar maior familiaridade com a questão (GIL, 2002) e trazê-la à discussão.

Naturalmente, quanto ao procedimento, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseada em escritos já elaborados, como livros, publicações avulsas, teses e artigos em revistas e disponibilizados na internet. É feita uma revisão sistemática da bibliografia já publicada para sintetizar as pesquisas relacionadas ao problema e só então respondê-lo. Cumpre destacar que, segundo Creswell (2007), não basta selecionar a técnica, é preciso que haja também uma revisão da literatura para transmitir aos leitores a importância do estudo do tema.

Feita a classificação da pesquisa, passa-se agora ao embasamento teórico e à definição do percurso a ser trilhado no decorrer da sua escrita. Comumente há ausência de fontes primárias e de obras restantes em relação às pessoas e eventos medievais, de forma que, a depender do objeto de estudo, os pesquisadores precisam recorrer a fontes espúrias, fragmentos ou citações em obras de terceiros, e montar, na medida do possível, um mosaico da obra ou personalidade estudada. Este não é o caso de Hildegard von Bingen.

Como personalidade atuante na esfera pública, muitos escritos de Hildegard chegaram até os dias de hoje. De sua autoria, restam um epistolário, livros visionários, composições, iluminuras, comentários teológicos, homilias, escritos médico-científicos e biografias de santos – à exceção das obras médico-científicas e de algumas *Cartas*, tudo está preservado no *Riesenkodex*⁴, preparado por iniciativa do último secretário de Hildegard, Guibert de Gembloux.

Além deste manuscrito, destaca-se a Patrologia de Jacques-Paul Migne, que apresenta grande parte das obras de Hildegard, mas não todas as *Cartas*, pois por muito tempo se teve dúvida quanto à autoria (as dúvidas só foram sanadas com o trabalho de van Acker); e a antologia (*Analecta*) de Pitra, que traz *Cartas* inéditas em relação à edição de Migne, mas é ainda incompleta, visto que algumas cartas só foram descobertas recentemente. Neste trabalho são utilizadas as traduções das *Cartas* para o inglês, de Joseph Baird e Radd Ehrman e, pontualmente, a edição corrigida de Lieven van Acker, publicada em três partes. Esta pesquisa, portanto, é baseada, primordialmente, nas *Cartas* de Hildegard.

O epistolário hildegardiano (1146-1179) é um exemplo de fonte reveladora tanto em relação a grandes acontecimentos do século XII que fazem parte da História como a

⁴ Ver Anexo A. O *Riesenkodex* foi digitalizado e é possível baixá-lo aqui: <https://hlbrm.digitale-sammlungen.hebis.de/handschriften-hlbrm/content/titleinfo/449618/>

eventos de sua vida particular, por isso é a principal fonte da pesquisa⁵. Vêm sendo úteis também os prólogos dos três livros visionários – *Scivias* (1141-1151), *Liber Vitae Meritorum* (1158-1163) e *Liber Divinorum Operum* (1163-1174) –, as obras mais importantes de Hildegard. São utilizadas neste trabalho as traduções para o espanhol dos dois últimos e para o português do *Scivias*, o único disponível até o momento.

Os prólogos, presentes já na Alta Idade Média em vários tipos de obras, estão inseridos na tradição retórica medieval como relacionados às categorias de *exordium*, *proemium* ou mesmo *captatio benevolentiae* (CANO AGUILAR, 1989). Eles eram escritos com a intenção de introduzir a obra, de chamar a atenção para ela e de justificá-la (MONTROYA, 1998), além de provocar a boa vontade do leitor e de expor as intenções do autor. Embora frequentemente precisem ser vinculados às obras que introduzem para ser perfeitamente compreendidos, os prólogos possuem relativa independência em relação a elas, por isso podem ser considerados eles mesmos uma obra à parte e um gênero textual. Sendo assim, é possível analisá-los em separado.

Mesmo apresentando marcações fixas obrigatórias, os prólogos são reconhecidamente um espaço de maior liberdade de expressão. Isto acontece porque, nele, o autor se dirige diretamente ao leitor de maneira sucinta e objetiva fazendo uma espécie de defesa da obra, expondo aquilo que considera inovador, importante e útil nela. Assim, ele apresenta marcas do autor, dados essenciais e a visão dele acerca do próprio texto. Por estes motivos, os prólogos dos livros visionários de Hildegard von Bingen são utilizados como fontes para esta pesquisa.

É utilizada ainda a primeira biografia sobre Hildegard, a *Vita*, escrita por seus secretários e finalizada por um biógrafo, pois apresenta um apanhado de trechos autobiográficos e é a fonte mais difundida nos séculos posteriores sobre a sua vida. A propagação da *Vita*, neste período, é uma das principais responsáveis pela fama de profetisa apocalíptica da abadessa beneditina.

As *Vitae* medievais eram escritas em torno da manifestação de virtude e de piedade e não havia um compromisso para com o relato dos fatos exatamente como aconteceram, antes, eram escritas com o objetivo de tornar aquelas personalidades

⁵ Mais detalhes sobre as *Cartas* podem ser lidos no nosso artigo VASCONCELOS e NOGUEIRA, 2020, p. 35-54.

exemplares para o resto da humanidade (DOSSE, 2015, p. 137), por isso, autores como Certeau defendem ser a hagiografia⁶ um gênero literário e não historiográfico.

No entanto, após a Escola dos Annales, fontes outrora consideradas não-oficiais, como as hagiografias, foram aceitas como legítimas e importantes não apenas pelo retrato do biografado, mas também por veicular informações relativas à cultura, espiritualidade e sociedade da época. A edição da *Vita* utilizada é a espanhola, lançada por Victoria Cirlot.

Importa ressaltar que não basta a leitura de fontes primárias para bem interpretá-las, elas precisam ser lidas em seu devido contexto e ser enquadradas na tecnologia discursiva própria da época, evitando-se o anacronismo. Para tanto, são utilizados como apoio autores consagrados de cada uma das áreas abrangidas e é analisada também a literatura já publicada sobre o tema nacional e internacionalmente.

Apenas a partir da segunda metade do século XX (BYNUM, 2015) a pesquisa sobre a espiritualidade feminina medieval deixou de ser negligenciada e passou a ser estudada com afinco por pesquisadores de todo o mundo. Isto levou à escrita de grandes obras sobre as mulheres da época, como o *Women writers of the Middle Ages: a critical study of texts from Perpetua to Marguerite Porete*, de Peter Dronke, autor fundamental para este trabalho, que mencionou a atuação pública de Hildegard como profetisa e suas *Cartas*. Junto a Dronke, são utilizadas obras de Barbara Newman, principal teórica consultada, Kathryn Kerby-Fulton, Victoria Cirlot, autora consagrada e editora da *Vida* na Espanha, e Joan Ferrante.

Após a classificação da pesquisa, a exposição do embasamento teórico e a definição do percurso trilhado na escrita deste trabalho, é preciso que se destaque a legitimidade das *Cartas* como fonte de pesquisa e se indique a adequação da expressão “escritos autobiográficos” aos trechos de autoria hildegardiana analisados, pois autobiografia é reconhecidamente um gênero moderno e há autores que defendem sequer ter existido a noção de indivíduo antes da modernidade.

2.2 Cartas: “Autobiografia em Documentos”

Desde a Antiguidade, a carta apresenta certo hibridismo. De um lado, historiadores como Tucídides e Heródoto utilizaram-na para atestar a confiabilidade de

⁶ Hagiografia é um termo recente. Ana Paula L. Pereira (2007, p. 161) destaca que, na Idade Média, este tipo de literatura era denominada de diversas maneiras, como *gestae*, *acta*, *legenda*, *passio* e *vitae*.

suas narrativas, como uma espécie de “garantia externa” (ROSENMEYER, 2003), e de outro, também desde a Antiguidade, ela guarda certa relação com a ficção não apenas porque alguns “destinatários” provavelmente nunca existiram, mas também porque quem escreve constrói um “eu” e dá sua versão da verdade a partir de uma seleção de eventos.

Portanto, a carta, desde suas origens, tem reconhecidamente importância histórica e literária e está no limiar entre a ficção e a realidade. Pelo fato de o autor escrever a partir de sua experiência pessoal e visão de mundo particular, pode-se dizer que a carta apresenta um caráter autobiográfico, como também apresentam as memórias, os diários e as confissões, gêneros relacionados à expressão da subjetividade que documentam o desenvolvimento social, histórico, político e mesmo psicológico do autor (BOSE, 2020), por meio da narração que ele faz de seus sentimentos e atitudes acerca do que viveu e testemunhou. Segundo Georg Misch (2014, p. 7):

Estimamos diários e cartas como os mais reveladores dentre os documentos humanos, por parecerem preservar mais fielmente a vida real através da imagem sem forma dos eventos enquanto acontecem – até o momento, não há nada mais verdadeiro ou revelador que a percepção interior.

Este caráter autobiográfico das cartas é tão forte que Karl Pivec, referindo-se ao epistolário de um medieval, afirmou ser ele “uma autobiografia em documentos” (PIVEC, 1939, p. 35). As cartas, portanto, preservam os fatos, na ótica do autor, em sua forma e cores originais. Elas refletem a identidade, a visão de mundo, a personalidade, as influências e a história pessoal do autor, por isso, o discurso epistolar pode ser considerado uma forma de autorrepresentação. As cartas revelam um lado mais íntimo, e nelas, as pessoas “se explicam em toda a sua individualidade” (POWER, 1997, p. 27). Sobre este caráter revelador da carta, Foucault escreve:

A carta é algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física (1992, p. 149)

Assim, vê-se que as cartas são uma rica fonte de dados, essencial para a reconstrução das comunicações medievais tanto privadas como públicas, pois registram acontecimentos da vida do autor, o desenrolar de grandes eventos e a percepção individual sobre eles, ou seja, não só ajudam a esclarecer as relações de poder da época como também veiculam informações particulares (GOLDY, 2013).

Na Idade Média, a carta foi um recurso largamente⁷ utilizado, tanto como instrumento evangelístico e fomentador/mantenedor de amizades, como também administrativo e literário. Ela ganhou um caráter público devido à leitura compartilhada, e uma estrutura fixa, mais formal, passou a ser seguida, com os manuais e guias de estilo correto da *ars dictaminis*, um desenvolvimento da arte da retórica⁸, espécie de “arte retórica aplicada”. Assim, neste período, a distinção entre correspondência pessoal e oficial, dada a natureza “quasi-pública” da correspondência, se tornou muito vaga (CAMARGO, 1991).

Os séculos XI e XII são considerados a era de ouro da epistolografia medieval, pela quantidade de cartas trocadas na época, pelo cuidado que tiveram ao colecioná-las e pelo número de manuais de escrita de cartas restantes (AUSTIN, 2007), que registram a extrema preocupação com a gramática, com a pontuação e com questões estilísticas, como o ritmo (CAMARGO, 1991).

Constable afirma que a grande marca distintiva do século XII é a riqueza de coleções epistolares deixadas pelos intelectuais, e ainda destaca, citando Langlois (1967, p.2): “os documentos mais valiosos para a história da Idade Média são epístolas, missivas, correspondências oficiais e privadas”.

Nos epistolários medievais, as cartas estão comumente dispostas de acordo com o grau de importância do destinatário, e são três os principais tipos: humilde, mediano e elevado. Humildes são as pessoas consideradas “inferiores”, que estão na “base da pirâmide”, como os sapateiros; elevados são os que estão no topo, de grande influência, como papas e imperadores; e medianos estão entre ambos, como arcebispos e duques.

⁷ Prova disto é que figuram em duas populares regras monásticas medievais – a dos cônegos regulares de Santo Agostinho e a de São Bento – restrições para o recebimento de cartas.

⁸ O sermão e a carta são os principais gêneros literários do século XII. Tanto a *Ars Dictaminis* como a *Ars Praedicandi* decorrem da Arte Retórica, assim, ambos possuem como grandes marcas a busca por um estilo erudito e elegante e a relação com a oralidade, além do grande número de citações bíblicas. Não era incomum que uma carta tivesse por conteúdo um sermão nem que um sermão pregado fosse originalmente uma carta.

Normalmente a carta era estruturada em cinco partes: *sallutatio* (saudação), *captatio benevolentiae* (indicativo de boa vontade), *narratio* (narração), *petitio* (petição) e *conclusio* (conclusão). Explica Charles H. Haskins (1955, p. 143):

As exposições teóricas da composição epistolar costumavam dividir a carta em cinco partes: a saudação, um ponto em que a etiqueta medieval era muito severa, a forma de tratamento era elaboradamente fixada para cada dignidade e posição na sociedade; o exordium, ou *captatio benevolentie*, projetado para levar o leitor ao estado de espírito correto e geralmente consistia em um provérbio ou citação das escrituras; a narrativa ou exposição; a petição, pois um pedido sempre era esperado e provavelmente tomaria a forma de uma dedução lógica das premissas maiores e menores já estabelecidas no exórdio e na narração; e finalmente a conclusão.

As cartas podiam ser persuasivas, performativas ou meramente declarativas; nas mais breves e urgentes, a saudação e o indicativo de boa vontade podiam ser suprimidos, e a narração e a petição unidas.

Quase todas as grandes personalidades⁹ do século XII escreveram cartas, inclusive mulheres. Religiosas, principalmente ligadas a comunidades beneditinas e cistercienses, como as abadessas Héloïse d'Argenteuil (1098-1162), Elisabeth von Schönau (1129-1164) e Hildegard von Bingen (1098-1179), deixaram cartas que revelam o nível de instrução que mulheres podiam receber, sua relevância para as comunidades, suas contribuições para os grandes debates religiosos e políticos e sua influência sobre a sociedade da época (GOLDY, 2013). Por meio de cartas, elas puderam não apenas se comunicar, mas também registrar suas ideias e propagá-las.

2.2.1 As Cartas de Hildegard von Bingen

Hildegard von Bingen deixou um grande epistolário, escrito ao longo de mais de três décadas (1146-1179) e composto por quase quatrocentas *Cartas*. As *Cartas* são consideradas de autoria dela porque sabe-se que seus secretários meramente transcreviam o que ela dizia, corrigindo, quando necessário, a gramática ou a ortografia em pontos específicos, e não tinham autorização para alterar o conteúdo. Suas *Cartas* são

⁹ Por exemplo: Anselm of Canterbury, Pietro Damiani, Henry IV, Bernard de Clairvaux, John of Salisbury, Peter of Celle, Arnulf of Lisieux, Peter the Venerable, Ivo de Chartres, Peter of Blois, Froumond von Tegernsee, Gerbert d'Aurillac, Peter Lombard, Gilbert Foliot, Geoffrey of Vendôme, Ralph Tortarius, Héloïse d'Argenteuil, Elisabeth von Schönau e Hildegard von Bingen.

organizadas não em ordem cronológica nem segundo o assunto abordado, mas de acordo com a posição hierárquica de seus destinatários¹⁰.

Suas *Cartas* podem ser mais ou menos formais, indo desde exortações e ordens até conselhos sobre a vida íntima dos destinatários, podendo apresentar uma humilde saudação e extensa indicação de boa vontade antes de chegar à narração, ou ir direto ao ponto, num único parágrafo. Portanto, elas seguem, de maneira geral, a estrutura recomendada pela *ars dictaminis*. Estão presentes as marcações típicas da arte epistolar medieval e as abundantes referências a versículos bíblicos. Quanto ao conteúdo, elas se enquadram nas categorias de persuasão, petição, conselho e consolo.

Dentre seus correspondentes estão Friedrich Barbarossa, Henry II, Éléonore d'Aquitaine, Conrad III, o Papa Eugênio III, Bernard de Clairvaux, Papa Anastácio IV, diversos arcebispos, abades, abadessas, freiras, mas também pessoas comuns, tanto homens como mulheres. Estas pessoas escreviam para ela buscando orientações, conselhos e respostas às mais variadas questões.

Suas *Cartas* registram tanto o seu intenso envolvimento com política e religião, suas opiniões e argumentos, como também seu temperamento e postura diante de acontecimentos importantes de sua vida privada. Nelas, a abadessa beneditina revela-se não apenas como mulher culta e preocupada em instruir e exortar seus contemporâneos, mas também como uma pessoa compassiva e suscetível a angústias e aflições, expondo a amigos seu lado mais vulnerável. Assim, as correspondências permitem que aspectos da vida e da personalidade dela, como também suas opiniões e argumentos, sejam conhecidos.

2.2.1.1 A Escrita de Hildegard

Hildegard escreve suas *Cartas* com uma linguagem rica, cheia de imagens e, frequentemente, um tanto quanto enigmática. Embora, como se verá, ela tenha em comum com muitos autores o uso de metáforas, sua escrita é única e inconfundível. Hildegard possuía certo desconforto em relação à sua escrita, rudimentar, mas também a considerava inalterável, a enxergando “como uma marca de que sua inspiração deve ser divina, visto que ela mesma mal sabia escrever” (NEWMAN, 1987). Comenta Peter Dronke (2002, p.178):

¹⁰ Nem sempre é possível apontar com certeza o destinatário.

É uma linguagem extremamente individual, às vezes desajeitada e às vezes obscura; os adjetivos podem ser repetitivos e limitados em alcance, as interjeições excessivas. Não é a linguagem de um humanista polido do século XII, mas de alguém cujos poderes únicos de visão poética a confrontaram mais de uma vez com os limites da expressão poética.

Há certa complexidade em sua escrita não apenas pela formalidade e pelas marcações da *ars dictaminis*, mas principalmente porque ela costuma fazer uso de figuras de linguagem, como metáforas, símiles e analogias, além de símbolos e alegorias. Esta eloquência, natural da arte retórica – essencial na educação medieval, compondo o *Trivium* –, como visto, é muito presente na carta do século XII devido ao fato da arte epistolar ser um desenvolvimento daquela.

A linguagem de Hildegard é visionária – portanto, simbólica – e alegórica. Animais, montanhas, vales, lua, sol, estrelas, flores, deserto, espada, vento, fogo, rios, anjos, são símbolos aos quais ela recorre, dentro de narrativas alegóricas, para, após fornecer a interpretação mais profunda, normalmente uma lição ou “moral”, provocar no destinatário comoção, convencimento e mudança de vida.

O uso de comparações e de símbolos é também encontrado nos textos de muitos medievais, principalmente místicos, pois se esforçam para explicar a experiência inefável pela qual passaram e, como ela está para além das fronteiras da palavra, pois a linguagem é naturalmente limitada, encontraram na utilização de expressões abstratas (além da música¹¹ e da pintura¹², no caso de Hildegard) o melhor recurso para se fazerem entender.

As figuras de linguagem são ferramentas utilizadas com um objetivo muito claro: transmitir eficazmente com palavras a experiência, a fim de que ela seja facilmente compreendida e, sendo o caso, obedecida. Vê-se então que as figuras de linguagem permitem que o indivíduo comunique o máximo possível em poucas palavras, de modo mais expressivo, vívido e elegante-. Seu uso confere uma maior originalidade ao texto, além de revelar as preferências estilísticas da pessoa.

Símiles, metáforas, apóstrofes, antíteses e analogias, por exemplo, além dos símbolos e alegorias, têm um efeito ímpar no estilo de Hildegard e auxiliam na construção

¹¹ Segundo Lomer (2006), as composições de Hildegard são uma aplicação de princípios retóricos da *Ars Dictaminis* e da *Ars Praedicandi* à música séculos antes da conceituação da retórica musical.

¹² A imagem também pode ser retórica, isto hoje se estuda numa disciplina chamada “retórica visual”. Há controvérsias se quem pintou as iluminuras que constam nos textos visionários foi a própria Hildegard, se estava sob supervisão dela (esta é a interpretação de Madeline Caviness) ou se elas foram feitas após a sua morte (esta é a interpretação de Lieselotte E. Saurma-Jeltsch). Aqui se assume a interpretação tradicional, ainda não derrubada, de que ela mesma pintou ou, no mínimo, supervisionou.

daquilo que deve ser entendido pelo destinatário e é abstrato. Sabendo que é possível haver ambiguidade, ela costumava ainda interpretar e explicar as alegorias – figuras didáticas, como lembra Reboul (2004), que, no entanto, muitas vezes intrigam mais do que tornam as coisas mais claras ou concretas.

A principal maneira de expor aspectos conceituais abstratos é relacioná-los a conceitos concretos, e o uso da metáfora – cujo apogeu se deu na Idade Média, período em que apareceu nos mais diversos gêneros textuais, como tratados filosóficos, obras literárias e poesias (ALFORD, 1982) – tem justamente esta função de dotar de estrutura, de tangibilidade, a abstração, de trazê-la para o horizonte imaginativo do leitor.

Na *Carta* 389, por exemplo, Hildegard utiliza metáforas como “o Deus onipotente é uma Fonte Viva”; “Deus, que é uma elevada montanha” e “Abraão foi a raiz da santidade nascente”. Ela também utiliza muitos símiles. Dois exemplos interessantes estão nas *Cartas* 08 e 17: “pessoas agressivas que latem como cães” e “disperse a avareza como palha”. Diferentemente das metáforas – a figura de linguagem por excelência –, símiles são comparações explícitas feitas, por exemplo, com o uso das palavras “como” e “qual”. É um recurso utilizado tanto na prosa como no verso desde a Antiguidade para explicar ou realçar uma imagem.

Hildegard também recorre a apóstrofes, figura geralmente empregada para trazer um apelo emocional por meio da invocação de uma coisa, ideia ou pessoa, esteja ela presente ou ausente, seja ela real ou imaginária, e prosopopéias ou personificações, ou seja, atribui qualidades humanas a coisas inanimadas. Alguns exemplos de apóstrofes utilizadas por Hildegard são: “Ó filhos de Israel” (*Carta* 276r), “Ó Divindade Pura”, (*Carta* 389) e “Ó filho de Deus” (*Carta* 257). Como exemplos de prosopopéias, pode-se citar: “a fruta é sufocada” (*Carta* 262), “as estrelas gritam” (*Carta* 05), “a lua cai” e “a morte morre” (*Carta* 304).

Por último, é preciso destacar mais uma importante marca nas *Cartas* de Hildegard: ela faz muitas alusões a eventos e personagens bíblicos, relacionando-os a situações de sua vida, a partir do chamado “pensamento figural” ou “tipológico” (GÓNGORA, 2012), bastante comum na Idade Média. A tipologia é um sistema de interpretação promovido pelos cristãos em relação ao Antigo Testamento a partir do qual ele é relido à luz do Novo Testamento, assim, os eventos, as imagens e os personagens veterotestamentários são compreendidos como “tipo” ou “figura” do que haveria de vir. “Tipo”, portanto, é uma espécie de metáfora que aponta para fatos semelhantes no presente ou no futuro.

Explica Auerbach (1994, p. 79): a interpretação figurativa “estabelece uma relação entre dois acontecimentos, ambos históricos, na qual um deles se torna significativo não apenas em si mesmo, mas também para o outro, que, por sua vez, enfatiza e completa o primeiro”. Na interpretação figural “uma coisa está no lugar de outra” (AUERBACH, 1994, p. 45), um acontecimento histórico remete a outro sem deixar de ser real. As passagens do Antigo Testamento, portanto, eram utilizadas tanto para esclarecer o Novo Testamento como também para trazer luz a acontecimentos recentes.

Este sistema de interpretação teve o seu esplendor na Idade Média, período em que a devoção aos personagens do Antigo Testamento era difundida e havia o costume de decorar os livros bíblicos, em especial os Salmos. Assim, aludir a determinadas passagens pela menção de certas palavras ou pequenos trechos, trazia à memória de quem lesse ou ouvisse o restante do texto. Desta maneira, os medievais compreendiam o contexto e o que se estava querendo dizer em sua totalidade. Auerbach assevera:

Todas essas relações eram reconhecidas imediatamente pelo leitor medieval, pois este vivia em meio a elas; as apresentações das repetições profetizadas e realizadas eram tão familiares para ele quanto a concepção de desenvolvimento histórico para um leitor moderno; até a aparição do Anticristo era considerada uma repetição exata, mas enganadora, da aparição de Cristo. (1994, p. 80)

Assim, para os medievais, os personagens do Antigo Testamento são “figuras” ou “tipos” e se atualizam seja no Novo Testamento, seja na vida da pessoa que se compara a eles. Por isso, não se pode ignorar o pensamento tipológico quando se fala na “autorrepresentação” de autores medievais (GÓNGORA, 2012), como Hildegard. Nas suas *Cartas*, esta autorrepresentação acontece e há um caráter tipológico, na medida em que ela integra em seus relatos autobiográficos passagens bíblicas e as menciona como se estivesse vivendo aquilo no momento.

Em diversos momentos, ao relatar situações por ela vividas, faz alusão a passagens bíblicas e se compara a personagens bíblicos, principalmente aos profetas. Por exemplo, em sua *Vida* há uma passagem autobiográfica em que correlaciona a sua saída, com as freiras, para Rupertsberg, à libertação dos hebreus da escravidão no Egito, guiados por Moisés:

Então eu vi em uma verdadeira visão que **tribulações aconteceriam comigo como a Moisés**, porque quando ele conduziu os filhos de Israel do Egito para o deserto, pelo Mar Vermelho, eles murmuraram contra

Deus e desencorajaram Moisés, embora Deus os tivesse iluminado com sinais maravilhosos. **Assim também** Deus permitiu que as pessoas comuns, meus parentes e algumas das que viviam comigo, me desanimassem, pois nos faltava o necessário para viver se não nos dessem esmola pela graça de Deus. **Como os filhos de Israel desencorajaram Moisés, assim me inquietavam [...]** Muitos que conheceram essa visão pela fé vieram a nós com grande desejo, **como foi dito pelo profeta: "Aqueles que te humilharam virão a ti"**. (HILDEGARD VON BINGEN, 2001, p. 56) [Destaques nossos]

Ainda acerca deste evento, ela se liga a Jeremias, Josué, José e Jó, traçando paralelos entre o que ocorreu a estes personagens e o seu próprio destino:

“Nisto tive que suportar muitas humilhações por parte de muitos, **como Josué**, a quem os inimigos tentaram confundir. Mas **como Deus o ajudou, também libertou a mim** e minhas filhas. **Da mesma forma que José era invejado por seus irmãos [...], assim também** alguns homens malévolos **queriam arrancar nossa túnica de graça e louvor a Deus, mas Deus nos ajudou e, como Jó, nos restaurou em honra. Quanto mais pressão suportamos, mais aumentamos em número, pela graça de Deus, da mesma forma que os filhos de Israel, quanto mais eram oprimidos, mais cresciam.** (Idem, 2001, p. 65) [Destaques nossos]

Como Moisés conduziu seu povo até Israel, ela liderou a saída das freiras para Rupertsberg, mesmo sendo desencorajada; na luta para o estabelecimento no local, suportou adversidades como Josué e, tal qual José foi invejado pelos irmãos por ser o mais amado dentre os filhos, ela foi acossada por inimigos, mas sustentada pela graça de Deus. Vê-se, assim, que Hildegard interpretava eventos importantes de sua vida a partir de uma chave tipológica, relacionando os percalços, as humilhações e tribulações pelas quais passava a situações vividas por profetas do Antigo Testamento.

Terminadas as observações quanto à escrita de Hildegard e suas *Cartas*, bem como a justificativa da escolha destas como principais fontes deste trabalho, faz-se necessário expor mais um pouco o século XII, este que é conhecido tanto como a “Era de Ouro da Epistolografia”, como também, segundo alguns autores, o período em que ocorreu a “descoberta do indivíduo”. É preciso situar Hildegard dentro deste contexto, demonstrando que, embora ela não esteja dentre os autores com o maior número de marcas de individualidade do período, ela também as deixou, pois escreveu *Cartas* – gênero reconhecido como autobiográfico por si só – e nelas registrou sua visão de mundo, sua atuação pública, a forma de se apresentar e de se ver, bem como demonstrou toda a

sua vulnerabilidade e emoção em algumas *Cartas* mais íntimas, dirigidas a amigos, como à freira Richardis.

2.3 A “Descoberta do Indivíduo” no século XII

Na Idade Média, muitas pessoas evitavam escrever sobre si e ocultavam até mesmo seu próprio nome para não ter reconhecida a autoria de suas obras, por medo de incorrer no pecado da *vanitas terrestris*, denunciado por retóricos como Salviano e Sulpício Severo¹³. Destaca François Dosse (2015, p. 139):

A escrita de si é aí quase sempre repudiada porque a santidade supõe a humildade, o desaparecimento do ego para dar lugar ao Outro ou aos outros que tomam a cargo a figura do santo depois de sua morte. Como escreve Geneviève Bollème, “o santo não poderia escrever sua própria vida. Só existem santos escritos por outros” [destaques nossos]

Os poetas do alto alemão médio costumavam recorrer a uma fórmula de humildade¹⁴ antes de se identificar e, quando o faziam, normalmente requeriam as preces dos ouvintes e leitores. Este costume remonta a Oriêncio (CURTIUS, 1979, p. 557), espalhou-se para outros tipos de literatura e permaneceu vivo após o século VI. Os autores, quando se identificavam e escreviam sobre si, o faziam por motivo justo e o deixavam claro.

Todavia, no século XII, tempo em que Hildegard viveu, ocorreram, segundo Frey (1991, p. 38), “progressos no processo de individuação”. Favorecidos pelas mudanças econômicas e sociais, neste período teriam surgido as noções de interioridade e de indivíduo, existindo, portanto, uma espécie de “afirmação do eu” que é, no entanto, diferente da moderna, pois, do ponto de vista moderno, a pessoa medieval não é autônoma, não possui pleno domínio sobre si e não é livre, mas subjugada pela religião.

Autores como Alain de Libera¹⁵ e M.-D. Chenu notam, já no século XII, a existência de um sujeito pensante e reflexivo que não é mero receptáculo de informações.

¹³ Lembra Curtius (1979, p. 560) que o próprio Dante Alighieri, no *Convívio*, diz que os mestres da retórica não permitem a ninguém falar de si próprio sem justificativa plausível (*Non si concede per li retorici alcuno di sè medesimo senza necessaria cagione parlare*).

¹⁴ Julio Schwietering é citado por Curtius e possui um importante livro sobre a questão da autoria, além de artigos. Aqui indica-se um em especial, sobre a fórmula da humildade: *The Origins of the Medieval Humility Formula*.

¹⁵ Para a importância de Alain de Libera sobre o tema do sujeito na Idade Média, veja-se NOGUEIRA, 2015, p. 76-90.

Rafael R. Guerrero (1995, p. 32), citando Chenu, atribui a Bernard de Clairvaux e Pierre Abélard a responsabilidade pelo “despertar da consciência” na civilização ocidental. Bernard de Clairvaux a/firma o eu, a individualidade humana, pela via mística do amor, ao apontar o conhecimento de si¹⁶, o mergulhar em seu próprio interior¹⁷, como caminho para Deus; e Abelardo, colocando como critério de valoração moral a intencionalidade do ato, é o responsável pela primeira reflexão moral de caráter filosófico na Idade Média.

Vê-se, portanto, que o conceito de homem assumido, de maneira geral, na Idade Média, está relacionado à noção de alma e, por isso, é intrinsecamente relacionado a Deus, de forma que a pessoa humana não traz em si a sua própria justificação, mas é na própria Idade Média que isto começa a mudar: Pierre Abélard, opondo-se à concepção dualista do homem, o define como “animal racional mortal”¹⁸ e apresenta uma nova forma de vê-lo, “mais relacionada à sua realidade individual” (GUERRERO, 1995, p. 18).

Sabe-se que a consciência já havia sido reconhecida desde pelo menos Santo Agostinho e suas Confissões – não à toa alguns estudiosos, como Benton (1991), preferem afirmar que no século XII houve na verdade uma redescoberta do indivíduo, ou ainda, como Walker Bynum (1980), uma descoberta de si mesmo -, no entanto, autores como o próprio Guerrero (1996) e Morris (2012) consideram que a consciência só emergiu plenamente no século XII (segundo Morris, de 1050 em diante). Walker Bynum (1980) afirma que no século XII o interesse pelo interior cresceu em relação ao período imediatamente anterior e que a consciência, no sentido de “conhecer o âmago da natureza humana dentro de si mesmo” (1980, p. 15), foi uma preocupação clara dos autores do período, que a registraram nos seus escritos.

¹⁶ “Como ousas erguer os olhos para o céu tu, que pecaste contra o céu? Crava os olhos na terra **a fim de te conheceres**”. No original: “Utquid audes oculos levare ad coelum, qui peccasti in coelum? Terram intueri, **ut cognoscas teipsum**” (CLARAVAL, 2016, p. 63).

¹⁷ “Por conseguinte, o que cuida de conhecer a **verdade de si mesmo** deve tirar a trave de sua soberba, porque ela impede a seus olhos a luz, e terá de dispor-se a ascender no coração, **observando-se a si mesmo em si mesmo**, até alcançar, com o décimo segundo grau da humildade, o primeiro da verdade. Quando pois tiver encontrado **em si mesmo** a verdade, ou melhor, quando se tiver **encontrado a si mesmo** na verdade [...]”. No original: “Qui ergo plene **veritatem in se** cognoscere curat, necesse est ut semota trabe superbiae, quae oculum arcet a luce, ascensiones in corde suo disponat, per quas **seipsum in seipso inquirat**, et sic post duodecimum humilitatis ad primum veritatis gradum pertingat. Cum autem veritate inventa **in se, imo se** invento in veritate [...]” (CLARAVAL, 2016, p. 43)

¹⁸ “Sicut enim homo praeter rationalitatem vel mortalitatem non potest subsistere” (ABAEALARDUS, 1956, p. 594:27-28). A intencionalidade do ato encontra-se desenvolvida no seu livro que tem na segunda parte do título um nome bastante sugestivo, quando se trata do tema aqui abordado: *Ethica seu liber dictus Scito te ipsum* (que se encontra na Patrologia Latina, tomo 178). Há uma tradução para o português *Ética, ou conhece-te a ti mesmo* (2016).

Desta forma, mesmo sabendo que conceitos como individualidade, subjetividade, autorrepresentação e escrita de si são modernos e que têm relação com a noção de emancipação identificada após Descartes, não se vê incoerência em utilizá-los ao tratar de autores (autoras) medievais, em especial do século XII. É preciso lembrar que o desenvolvimento da escrita íntima, com os diários, as autobiografias, as visões e as cartas, além de estar relacionado ao que alguns autores chamam de “descoberta do indivíduo”, propiciou também o desenvolvimento da própria mística, devido à ênfase na experiência individual.

Os *Sermones super Cantica Canticorum*, de Bernard de Clairvaux, por exemplo, segundo Elledge (2009), podem não ter sido lidos em público, em voz alta, para que houvesse uma forçada experiência privada, com a leitura individual, afinal, o maior apelo de Bernard era para que conhecessem a si próprios. Ademais, o próprio Abélard, com a sua *Historia Calamitatum*, tornou-se mais conhecido, nos séculos seguintes, pelo que revelou na autobiografia epistolar que pelas contribuições à lógica, à qual tanto se dedicou.

Vê-se assim que a partir do século XII há um crescente interesse pelo interior e como que um aumento da autoconsciência, que está refletido nos escritos da época e tornou-se uma espécie de elemento-chave tanto para a compreensão da literatura secular como religiosa do período (ELLEGE, 2009). Cumpre destacar, ainda, a escrita dos famosos “espelhos”, que já denotam certa concepção de autoconsciência. Afirma Guerrero (1995, p. 32):

Pedro Abelardo e São Bernardo, por caminhos diferentes, afirmaram e sustentaram a radicalidade da subjetividade humana, o caráter primordial do Eu. Como conclui Chenu, o ‘despertar da consciência’ na civilização ocidental foi efeito da admirável convergência dos fenômenos da civilização do século XII nestes dois elevados espíritos.

Hildegard von Bingen está no princípio deste movimento. Em comparação aos autores supracitados, não aparecem em Hildegard tantas marcas de individualidade. Ela não parece muito afeita à ideia dominante de união mística de seus contemporâneos, nunca se retrata numa espécie de união sponsal com Deus (quem o faz é Theodorich, seu biógrafo que não chegou a conhecê-la) e, em seus escritos, a voz de Deus aparece tanto ou mais que a dela própria.

Observa Cirlot (2001, p. 55), no entanto, que em Hildegard existem avanços em relação a escritores da Alta Idade Média: primeiro, ela escreve na primeira pessoa do

singular, quando anteriormente a escrita era primordialmente na primeira pessoa do plural; em segundo lugar, mesmo falando em nome de Deus, ela reafirma o tempo inteiro a sua individualidade ao utilizar expressões como “eu vi”, “eu ouvi” e “eu vos digo”. Além disso, dizer reiteradamente que suas obras não provêm de si não deixa de ser uma exaltação à sua personalidade de caráter visionário: o fato de ser inspirada por Deus faz dela uma pessoa singular, e a qualidade que faz dela uma escolhida está em sua individualidade. Deus escolheu a ela, a Hildegard, em meio a tantas outras pessoas.

Muitas das grandes personalidades cristãs medievais que deixaram escritos sobre si escreveram por se sentirem obrigadas, para melhor explicar sua experiência e provar a veracidade do evento relatado ou para reafirmar e argumentar que foram chamadas por Deus e que, portanto, não falam em seus próprios nomes, mas em nome Dele. François Dosse bem explica:

Temos relatos de vida escritos pelos próprios santos, mas que constituem, seja **uma resposta a uma exigência premente de comunicar sua experiência, seja uma confissão à guisa de prova suplementar de seu destino ascético, consagrado a Deus. Mais que de si mesmos, os santos que tomam a pena falam do Outro, do Pai** [...], com esses relatos, os santos se desobrigam de uma suposta ordem; a injunção lhes repugna, mas **não podem se furtar a um ditame emanado do divino** (DOSSE, 2015, p. 140) [destaques nossos]

São nestas circunstâncias que Hildegard costuma falar sobre si, com uma consciência muito grande de quem é e de sua missão: por se sentir obrigada, para melhor explicar suas experiências; evidenciar que não fala em nome próprio, mas de Deus, com autoridade profética; e para reafirmar a veracidade do que aconteceu – é preciso lembrar que aqui se trata da verdade do ponto de vista do autor, que “registra o que ‘ressou’ nele e, seguindo uma hierarquia própria de relevância, prioriza os assuntos que serão abordados” (BRIEN, 2018, p. 32). Ademais, o autor, além de selecionar o que merece ou não ser registrado, também é passível de esquecimento, confusões e falsas memórias.

Os escritos autobiográficos¹⁹ de Hildegard estão em suas *Cartas* e nos prólogos de seus três livros visionários. Do ponto de vista do leitor moderno, talvez falem informações consideradas relevantes e mais detalhes sobre a sua vida particular (FLANAGAN, 1998), pois o foco estava nos acontecimentos espirituais e, em especial,

¹⁹ Os principais trechos em que ela fala sobre si foram recolhidos e adicionados à *Vida de Santa Hildegarda*. Esta presença de escritos autobiográficos na *Vida* foi uma grande inovação, em especial pela extensão: representam cerca de 40% da *Vida* (segundo Cirlot (2001), se tivessem sido reunidos pela autora, formariam a primeira autobiografia escrita por uma mulher na história).

no evento ocorrido aos 42 anos e 7 meses - por isso, compreensivelmente, há mais registros da segunda metade de sua vida que da primeira -, no entanto, por trás das marcações típicas da arte epistolar e das inúmeras referências às Escrituras, é possível conhecer um pouco da sua personalidade, de sua atuação pública e do que pensava sobre si.

Nas *Cartas* relacionadas à eleição da freira Richardis, por exemplo, é possível notar com clareza tanto a firmeza de Hildegard, ao falar em nome de Deus, como também a emoção com a qual ela escreveu e a postura diante de um evento adverso relacionado a alguém tão importante para ela, como destaca em vários momentos.

2.3.1 O caso Richardis von Stade

As correspondências relacionadas à eleição de Richardis von Stade tanto apresentam a escrita pessoal de Hildegard, com a demonstração de profunda tristeza e consternação, como também demonstram a percepção de decadência que ela tinha de seu tempo e – embora não tenha obtido o que desejava – a sua autoridade espiritual, que permitiu que ela acusasse diretamente o arcebispo de corrupção, simonia. Além disso, tendo vaticinado nestas *Cartas* um fim terrível para Richardis, que faleceu arrependida, ela provou estar correta pouco tempo depois.

Estas *Cartas* apresentam as marcações típicas da arte epistolar medieval e são um exemplo claro das características da escrita de Hildegard, conforme explicado no ponto 1.2.1. Vê-se a escrita tipológica, o uso de diversas figuras de linguagem, mas também a perfeita expressão de seu lamento ao ter sua secretária e filha espiritual tomada de si, ou seja, podem ser percebidas nestas *Cartas* verdadeiras marcas de subjetividade.

Richardis von Stade, secretária e amiga, de família nobre, sem que Hildegard soubesse, foi eleita abadessa de uma comunidade em Bassum, por influência de seu irmão Hartwig, membro importante da hierarquia eclesiástica. Isto ocorreu no início da carreira pública de Hildegard, quando ainda não era conhecida internacionalmente, e foi bastante significativo para ela, que chegou a mencionar²⁰ nos últimos anos de vida, cerca de duas décadas depois, e a figurar na *Vida de Santa Hildegarda*.

²⁰“Mas Deus não quis que eu permanecesse sempre em total segurança, e assim como acontecia comigo desde a minha infância, perdi toda a segurança nos prazeres desta vida, pelo que minha mente pôde voar alto. Quando estava escrevendo o livro *Scivias*, tinha um grande amor por uma nobre freira, filha da citada marquesa, como Paulo a Timóteo. Juntou-se a mim em tudo através de uma amizade amorosa, compartilhando comigo os sofrimentos até que terminasse aquele livro. Mas por causa de sua linhagem distinta, ela se inclinou por uma posição mais elevada e quis ser nomeada mãe de um

Hildegard interpretou que esta eleição havia sido viciada e era decorrente da prática de simonia, estando em desacordo com os planos de Deus, por isso, atuou fortemente para impedir a nomeação, trocando mais de dez *Cartas* – um número alto que, por si só, denota a importância da questão para ela – com a mãe de Richardis, com o arcebispo, com Richardis, o irmão dela, com o conde Hermann e com o próprio papa, ora suplicando, ora ameaçando, até que precisou aceitar o ocorrido.

A primeira *Carta* de Hildegard, sobre esta questão, é direcionada para a mãe de Richardis, com quem nutria boa relação, visto que ela havia sido responsável pela autorização para que Hildegard e suas freiras se mudassem para Rupertsberg²¹. Hildegard escreve num tom pessoal, não com autoridade divina, e suplica para que a mudança não ocorra, pois a posição de abadessa “certamente, certamente, certamente, não é condizente com a vontade de Deus ou com a salvação de suas [de Richardis e de Adelheid²²] almas”.

O início desta *Carta* é verdadeiramente comovente e transmite com perfeição a angústia da abadessa beneditina: “Suplico-te e imploro para que não perturbes a minha alma tão profundamente a ponto de trazeres lágrimas amargas aos meus olhos e ferida profunda ao meu coração por causa de minhas queridas filhas” (HILDEGARD VON BINGEN, p. 41, 2006).

Ainda nesta *Carta*, Hildegard admoesta a Marquesa: “Cuidado, para que, por sua vontade, conselho e apoio, as almas e os sentidos [delas] não sejam privados desse alto estado de honra”, e escreve com veemência: “se és a mãe dessas filhas, tome cuidado para não te tornares a ruína de suas almas, pois depois, mesmo sem querer, serás infligida com gemidos e lágrimas amargas” (*ibidem*).

A família von Stade prosseguiu com seus planos e, por Hildegard não liberar a freira Richardis, o arcebispo enviou uma *Carta* em tom ameaçador à qual Hildegard respondeu com a voz de Deus não apenas rejeitando a ordem dele, como o denunciando:

As razões legais trazidas em favor da investidura desta menina não têm peso aos olhos de Deus, pois eu – o alto, o profundo, o total, a luz

mosteiro importante, o que ambicionava não tanto de acordo com Deus, mas de acordo com a honra secular. Depois que ela se mudou para um lugar distante de nós, e se afastou de mim, logo perdeu a vida presente, com o nome de sua dignidade” (HILDEGARD VON BINGEN, 2001, p. 57) [destaques nossos]

²¹“Naquela situação, uma nobre marquesa conhecida por nós foi ao arcebispo de Mainz e contou tudo o que estava acontecendo a ele e a outros homens sábios [...]. Assim pois, com a permissão do arcebispo, nos mudamos para este lugar acompanhadas por uma grande comitiva de parentes e outros homens no temor de Deus”. (HILDEGARD VON BINGEN, 2001, p. 55)

²² Parente de Richardis que também foi eleita abadessa, mas de Gandersheim. Provavelmente foi por simonia, pois ela ainda estava em idade escolar e era jovem demais até mesmo para fazer seus votos em Rupertsberg.

descendente – nem as formulei nem as quis. Em vez disso, **foram fabricadas na audácia conivente de corações ignorantes**. [...] Ó pastores, lamentai e chorai agora, porque não sabeis o que estais fazendo quando deixais de lado os deveres estabelecidos por Deus **em favor de interesses econômicos**, e da loucura de ímpios que não temem a Deus. E assim suas maldições perversas e palavras ameaçadoras não devem ser obedecidas. **Levantaste tua vara de punição com arrogância, não para servir a Deus, mas para satisfazer tua própria vontade pervertida**. (*idem*, p. 42) [Destaques nossos]

Ante a mudança de Richardis, Hildegard escreve para o arcebispo Hartwig, irmão de Richardis e responsável direto pela promoção. Hildegard fala com sua própria voz, praticamente humilhando-se ao implorar que a freira seja devolvida ao seu convento, mas também a Hartwig faz acusações de simonia. Ela também acusa Richardis de desejar o cargo:

Ouçame agora, **abatida como estou, chorando miseravelmente aos teus pés. Meu espírito está muito triste, porque um homem horrível arrasou minha alma e minha vontade** (e não só a minha, mas também de minhas irmãs e amigos), e arrastou precipitadamente nossa amada filha Richardis [...] Assim, **se alguém, em sua loucura, procura voluntariamente obter um cargo eclesiástico, é um lobo voraz que busca mais as delícias do poder que a vontade de Deus**. A alma de tal pessoa, portanto, não deseja o cargo espiritual com disposição apropriada. **Nisso reside a simonia**. (*idem*, p. 43) [Destaques nossos]

Ela ainda clama para que não seja ignorada, como fizeram a mãe dele, Richardis e o conde Hermann, pois trata-se apenas da defesa da vontade de Deus.

Portanto, em nome daquele que deu a vida por ti e em nome de tua santa Mãe, **eu suplico**, tu que ocupas o cargo episcopal na ordem de Melquisedeque, **que envies minha filha amada de volta para mim!** [...] **Ouçame agora e não rejeite minhas palavras, como tua mãe, tua irmã e o conde Hermann fizeram**. Não estou fazendo-te mal algum que não esteja de acordo com a vontade de Deus e a salvação da alma de tua irmã, mas procuro ser consolada por ela e ela por mim. Ao que Deus ordenou, eu não me oponho. (*ibidem*) [Destaques nossos]

A família von Stade era bastante influente e tinha naturalmente o desejo de ver seus membros, ocupantes de cargos eclesiásticos, em altas posições, e Hildegard vê culpa em todos eles. Após sua última tentativa de reverter a transferência, enviando uma *Carta* ao Papa Eugênio, que foi respondida de maneira desanimadora, Hildegard admitiu a derrota e escreveu uma *Carta* à freira Richardis.

Nesta *Carta*, Hildegard deixa clara a sua decepção diante do “abandono” proporcionado por sua filha espiritual. Logo no início, observando o contexto do Salmo 44, ao qual faz referência com “ouve, filha”, vê-se que ela sugere que, para que Richardis seja recebida como esposa pelo rei celestial, ela precisa deixar de lado a família e ouvir apenas a Hildegard, que a vê ainda como filha, não como abadessa. Mas esta sua mãe agora já não emite palavras de ordem ou de denúncia, apenas chora e exprime sua sensação de ter sido traída ao citar o versículo 9 do Salmo 117, destacando que só se deve confiar em Deus (DRONKE, 2001).

Ouve, filha, a tua mãe espiritual, que te diz em espírito: **minha dor só aumenta. Minha dor aniquila a grande confiança e consolo que tive em uma pessoa.** De agora em diante, direi: “É melhor refugiar-se no Senhor a confiar nos poderosos da terra”. Em outras palavras, o homem deve olhar para Ele, que vive nas alturas, sem que amor algum ou fé vacilante o obscureçam, como fazem as coisas da terra e seu efêmero gozo tão breve. Quem contempla a Deus desta forma é como a água que fixa seu olhar no Sol. E é por isso que não se deve depender das pessoas importantes, que são eclipsadas como uma flor murcha. **Eu transgredi isso por amor a uma pessoa nobre.** (HILDEGARD VON BINGEN, 1994, p. 143-144) [Destaques nossos]

Hildegard faz uso de um paralelismo (agora te digo... agora repito... agora, que chorem), que consiste em encadear frases similares produzindo um efeito parecido ao da “ladainha”, trazendo musicalidade e dramatismo. Este é um recurso bastante comum na bíblia hebraica, principalmente na poesia, mas que pode também ser encontrado em prosa.

Ela também traz lamentações (ai de mim!) e cita a última fala de Cristo, “Por que me abandonaste”, aludindo tanto à angústia da crucificação como ao próprio Salmo 21, ao qual Ele fez referência naquele momento. É interessante destacar que Hildegard reconhece ter um afeto desmedido por Richardis, a ponto de outras pessoas estranharem e a repreenderem. Seu amor, no entanto, como demonstrado pela atitude de Richardis ao abandoná-la, aparentemente, não era correspondido na mesma medida.

Agora te digo: sempre que pequei desta forma, **Deus me mostrou esse pecado com toda sorte de dificuldades ou lutos**, assim como Ele faz agora por tua causa, como tu sabes.

Agora repito: Ai de mim, mãe! Ai de mim, filha! “Por que me abandonaste” como uma órfã? **Eu amava a nobreza de teu caráter, tua sabedoria, tua castidade, teu espírito e todo o teu ser a ponto de muitas pessoas me falarem “que estás fazendo?”** (*ibidem*) [Destaques nossos]

Em seguida, ela alude a Jeremias 1,12 numa trenodia, juntando-se a todos aqueles que sentiram amor tão grande. Esta passagem é uma fala de Jerusalém bastante emblemática, pois, comparando-se a uma viúva, ela afirma não haver quem a console. No final, sua lamentação transforma-se em aceitação, bênção amorosa e votos de que seja feliz, ao lado do anjo da guarda, do Cristo e de Maria – que a guardará, na ausência de sua mãe espiritual (DRONKE, 2001).

Agora, **que chorem comigo** todos aqueles que sofrem de dor semelhante, **todos aqueles**, por Deus, **que sentiram tão grande carinho, em seus corações e almas, por alguém - como senti por ti - , mas que lhes foi tirado num instante, como tu foste de mim**. Mas que o anjo de Deus possa te guiar, que o Filho de Deus te proteja e Sua mãe te guarde. Lembra-te de tua pobre e desolada mãe Hildegard; assim, que não te abandone a felicidade (*Ibidem*). [Destaques nossos]

Esta *Carta* apresenta as características supracitadas em relação à escrita de Hildegard e é um exemplo de como ela externou suas emoções, mesmo com todas as marcações da arte epistolar medieval, por meio de figuras de linguagem e fazendo perfeito uso da escrita tipológica. Embora tenha escrito de modo solene, Hildegard abre seu coração e nos permite enxergar sua visão do evento e toda a sua tristeza.

É interessante notar que nesta *Carta* ela já não argumenta, não alega falta de maturidade ou de experiência para que Richardis assumia tal cargo, apenas expressa sua tristeza e sensação de que foi traída, com esta atitude repentina. Mas termina respeitando a vontade da freira. Richardis assumiu o novo cargo e faleceu pouco tempo depois.

Hartwig comunicou Hildegard do falecimento de Richardis em uma *Carta* bastante sincera. Ele demonstra arrependimento: “Se ela parece ter faltado de alguma forma, isto se deve a mim, não a ela. Ao menos podes levar em conta as lágrimas que derramou por ter deixado seu convento; lágrimas das quais há muitas testemunhas”. (HILDEGARD VON BINGEN, 2006, p. 49).

Hartwig atesta que Richardis se arrependeu de ter deixado Rupertsberg, chorou antes de falecer e desejou “de todo o coração” voltar para ela – e o teria feito, se a morte não tivesse chegado. Ambos admitiram o erro por não terem ouvido Hildegard, e esta, por sua última resposta, parece ter interpretado o falecimento da freira como um castigo pela desobediência à vontade divina.

3 HILDEGARD VON BINGEN, A SIBILA DO RENO

Hildegard von Bingen (1098-1179) acreditava viver numa época de profunda decadência, pela corrupção e imoralidade dos próprios clérigos, e a interferência do poder temporal sobre o espiritual que levava ao cisma. Ela viveu no século XII, época da querela das investiduras, da consolidação do Cisma do Oriente, das primeiras cruzadas, da propagação da heresia cátara, da competição por doações vultosas e da busca incessante por relíquias. Este foi um período de intensa atividade espiritual e política em que não havia uma uniformidade de pensamento. Pela gama de personalidades²³ atuando simultaneamente, de eventos importantes ocorridos e variedade de discussões que culminaram em grandes avanços sociais, econômicos, artísticos, religiosos e intelectuais, o século XII é um dos que mais chamam a atenção dos pesquisadores.

No entanto, a visão atual, de que foi um período de esplendor e progresso cultural e espiritual, difere da das pessoas que nele viveram, pois, se nos primeiros séculos a incursão temporal da Igreja Católica aliada a reis e imperadores, do ponto de vista cristão, foi bem-sucedida, rapidamente houve uma degeneração da relação e, especialmente a partir do século XI e de maneira crescente, as coisas do espírito passaram a ser instrumentalizadas em prol da obtenção de benefícios pessoais e do aumento do poder temporal. Cargos eclesiásticos passaram a ser cobiçados pelo grande prestígio e tornaram-se moedas de troca com a interferência de monarcas e nobres; a Igreja Católica passou a meramente chancelar e dar ares de legitimidade às decisões dos reis que ela mesma outrora havia sagrado e conferido autoridade; e o papado passou a ser objeto de disputa e instrumento nas mãos de famílias poderosas (ROMAG, 2019).

Muitos, como Hildegard, reagiram à degradação da prática cristã e buscaram reavivar o Cristianismo autêntico, denunciando os clérigos imorais, combatendo as heresias e exortando as autoridades temporais a fim de que deixassem de interferir excessivamente na religião. Hildegard, julgando os próprios clérigos como ignorantes, vaidosos e imorais, tomou para si o dever de orientar a população e os religiosos, passando a influenciar a sociedade por meio de cartas e pregações. Toda a sua vida, as obras e a atuação pública decorrem diretamente do contexto conflituoso em que viveu e de sua visão apocalíptica de mundo.

²³ Como exemplos, pode-se citar: Bernard de Clairvaux, Elisabeth von Schönau, Richard de Saint-Victor, Chrétien de Troyes, Pierre Abélard, Pietro Lombardo, Marie de France, Thomas Becket, Éléonore d'Aquitaine, Guillaume d'Auvergne, Hugues de Saint-Victor, John of Salisbury e Anselm of Canterbury.

Foi na fértil região do Vale do Reno (*Mittelrhein*), coração político e econômico de toda a região, um dos centros intelectuais dos séculos XII-XIV, que Hildegard viveu. Ela nasceu em Bermersheim, próxima a Mainz, perto do rio Reno. Ainda criança, foi dedicada por seus pais ao serviço de Deus e entregue, em 1106, à anacoreta Jutta von Sponheim para que fosse educada por ela. Outras meninas logo se juntaram a Hildegard e Jutta, e o pequeno claustro transformou-se num convento anexo ao mosteiro beneditino de Disibodenberg.

Aos 17 anos fez os primeiros votos e entrou definitivamente para a ordem beneditina, na qual permaneceu por toda a vida. Jutta, então abadessa, faleceu em 1136, e Hildegard a sucedeu no ofício aos 38 anos. Poucos anos depois, aos 42 anos e 7 meses, Hildegard, abadessa, passou pela experiência que a obrigou a registrar uma série de grandes visões, sob pena de continuar acometida por uma severa doença que a impedia de levantar-se da cama.

Estas vinte e seis visões proféticas e apocalípticas, ditadas ao monge Volmar e à monja Richardis, foram publicadas com o título *Scivias* (1141-1151), após a aprovação do Papa Eugênio III. Hildegard muito relutou, com dúvidas quanto à procedência das visões e utilidade de publicá-las, e só o fez, como ela sempre reitera, por obediência à Luz Viva e após ser reconhecida pela hierarquia eclesiástica.

Como destaca na extensa *Carta 103r* (1998, p.21) em resposta ao monge Guibert de Gembloux, que depois se tornaria seu secretário, ela não tinha êxtases e não perdia a consciência, de modo que suas visões ocorriam enquanto estava completamente desperta, de dia e de noite. Ela via o tempo todo a Sombra da Luz Viva e, às vezes, a Luz Viva. Durante a escrita do *Scivias*, ela tornou-se famosa internacionalmente e começou a trocar *Cartas* com autoridades eclesiásticas, incluindo quatro papas, e políticas, como a rainha Éléonore d'Aquitaine e o imperador Friedrich Barbarossa.

Hildegard escreveu ainda outras duas obras visionárias, o *Liber Vitae Meritorum* e o *Liber Divinorum Operum*, um drama litúrgico chamado *Ordo Virtutum*, compôs músicas, escreveu duas biografias de santos, Comentários à Regra de São Bento e ao Credo Atanasiano, escreveu uma grande obra médico-científica que, posteriormente, foi dividida em duas, *Causae et Curae* e *Physica*, e deixou um extenso epistolário de quase quatrocentas *Cartas*.

Hildegard atraiu muitas mulheres para a vida religiosa e, para melhor acomodá-las, por ordem divina e com aprovação papal, apesar da resistência dos monges de Disibodenberg e de populares, fundou um mosteiro feminino em Rupertsberg, em 1150.

Lá ela pôde desempenhar seu ofício profético, além de ditar obras, compor hinos e curar enfermos.

Entre 1158 e 1171 ela fez ao menos quatro grandes viagens, a pedido do próprio Papa, e pregou por toda a região, tanto para clérigos como para o povo em geral. Os assuntos eram a necessidade de conversão e mudança de vida, a corrupção e imoralidade do clero, a necessidade de uma reforma eclesiástica, os erros da heresia cátara e do cisma encabeçado pelo imperador Barbarossa – de quem foi conselheira e com quem manteve, inicialmente, uma relação cordial, depois exortou-o quanto ao erro de enfrentar o verdadeiro papa.

Em 1178, o mosteiro de Rupertsberg foi interditado, pelo Capítulo de Mainz, e proibido de ter músicas nele entoadas e a comunhão lá ministrada. Isto se deveu ao descumprimento da ordem de exumar e fazer o traslado do corpo de um excomungado que havia sido enterrado no cemitério. Hildegard alegou ter provas de que a excomunhão havia sido retirada e que o próprio Deus a havia revelado, numa visão, que o homem estava em plena comunhão. O interdito foi retirado pelo arcebispo Christian de Mainz. Hildegard faleceu poucos meses depois, em 1179, devido a uma grave doença, e foi sepultada em Rupertsberg. Ela foi canonizada e declarada Doutora da Igreja por Bento XVI em 2012, unindo-se a Catarina de Siena, Teresa d'Ávila e Teresa de Lisieux.

3.1 O Profetismo de Hildegard

Hildegard desfrutou de uma autoridade fora do comum em seu tempo. Existiram outras abadessas intelectuais, como Héloïse d'Argenteuil (1098-1162) e Herrad von Landsberg (1125-1195) – até porque os próprios mosteiros, principalmente beneditinos e cistercienses, favoreciam as atividades de leitura e escrita, como “verdadeiros centros de cultura, lugar de aquisição de conhecimento e criação” (PERROT, 2006) -, mas nenhuma delas influenciou política e eclesiasticamente como Hildegard von Bingen, por este motivo, Ferrante (2015, p. 96) afirma ser ela o melhor exemplo de figura de autoridade, ainda que a desempenhasse como mera transmissora da palavra de Deus.

Ela foi a única mulher reconhecida como autoridade no ensino da doutrina cristã; a única com permissão do papa para escrever livros teológicos; a única a pregar abertamente, perante leigos e clérigos, com total aprovação eclesiástica, dentre outros feitos (NEWMAN, 1998), e tudo isto parece só ter sido possível por ter sido identificada como profetisa.

Os medievais possuíam uma forte devoção aos heróis e aos profetas do Antigo Testamento (VAUCHEZ, 1995) e viram, nas mulheres que conjugavam a autoridade advinda da virgindade – que conferia status e liberdade (NEWMAN, 1995) – com a atuação pública muita semelhança com as profetisas e os profetas veterotestamentários em geral. Assim, a figura do profeta, “extraída” do Antigo Testamento e adaptada, tornou-se uma “nova forma mais característica de autoridade feminina que se encaixou na estrutura eclesiástica” (FRAETERS, 2015, p. 161).

Este reconhecimento de que a mulher poderia receber dons proféticos não é inédito na História do Cristianismo, como se poderia pensar. Na realidade, o Cristianismo está totalmente fundamentado numa tradição profética bastante explícita que incluía mulheres, a começar pelo Antigo²⁴ e Novo²⁵ Testamentos, passando pelos primeiros séculos²⁶ – dos quais se conhece a existência de influentes profetisas montanistas, como Maximila e Priscila, que, no entanto, foram responsáveis por uma visão negativa do profetismo feminino, reproduzida nos textos de Gregório de Tours (538-594) e acolhida pelos séculos seguintes.

Foi apenas na segunda metade do século XI que voltou a ocorrer uma valorização do profetismo feminino por parte da hierarquia da Igreja, com Gregório VII e Pietro Damiani. Damiani, que anteriormente associava o dom da profecia ao sacerdócio, atribuiu ao profetismo feminino uma importante função no contexto da reforma papal, pois servia como um bom meio de propagação da necessidade da reforma.

Hildegard é considerada, por autores como Vauchez e Dronke, o primeiro profeta (entre homens e mulheres) não-clerical do século XII cuja vida e atuação são bem documentadas. Em seu tempo, ela já era conhecida internacionalmente como profetisa. John of Salisbury, seu contemporâneo, em duas cartas, refere-se a ela desta maneira, atestando sua fama. Numa carta de 1165, dirigida a Thomas Becket²⁷, sobre o cisma alemão, ele menciona a atuação de *prophetissas teutonicas*, provavelmente Hildegard von

²⁴ Hulda, Míriam, Débora, Judite e Jael são algumas das mulheres chamadas de profetisas no Antigo Testamento. “Sabe-se que muitas outras atuaram como tais” (FARIA, 2006, p.18).

²⁵“Havia também uma profetisa chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser; era de idade avançada” (Lc 2, 36); “Tinha quatro filhas virgens que profetizavam” (At. 21,9); e ainda: “Toda mulher que ora ou profetiza, não tendo coberta a cabeça, falta ao respeito ao seu senhor, porque é como se tivesse rapada” (1Cor 11, 5).

²⁶ Segundo Grillmeier (1956), no período patrístico, quando a devoção a Maria começou a crescer, ela era conhecida como profetisa, porque foi tomada pelo Espírito Santo, sem que provocasse ou pudesse evitar, e porque sua predição - “Por isso, desde agora, me proclamarei bem-aventurada todas as gerações, porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo” (Lc 1,48-49) – se realizou. Se Maria de Nazaré, modelo das mulheres do século XII, profetizou, elas também poderiam.

²⁷ Carta 152: “*nescio quas prophetissas teutonicas*” (JOHN OF SALISBURY, 2003, p. 488).

Bingen e Elisabeth von Schönau, e em outra, de 1166, a Gerard Pucelle²⁸, recomenda que leia os escritos de Hildegard e que o informe se ela revelou algo a respeito do fim do cisma, confirmando a autoridade que ela possuía à época.

O próprio Papa Eugênio III, ao aprovar a escrita e divulgação do *Scivias*, declarou: “Suas obras são conformes a Fé e em tudo semelhantes aos antigos profetas” (PERNOUD, 1996, p. 56), e no prólogo do Livro II da *Vida*²⁹, no qual estão descritas as visões, Theodorich escreveu:

Das próprias palavras da virgem amada por Deus brilha tanta claridade profética que não parece ter recebido menos graça que os antigos padres. Pois, **tal como se lê de Moisés, que estava sempre no tabernáculo, também ela permanecia sob a sombra das visões celestiais**, para com isto aprender algo de Deus e ensiná-lo a seus ouvintes (HILDEGARD VON BINGEN, 2001, p.47) [grifos nossos]

Guibert de Gembloux, monge e admirador de Hildegard, em sua primeira *Carta*, comparou Hildegard a Miriã, Deborah e Judite³⁰, e Elisabeth von Schönau, mística contemporânea de Hildegard, que, como ela, foi bastante atuante politicamente, em seu livro de visões (2000, p. 97), comparou a atuação das mulheres religiosas de sua época à de mulheres do Antigo Testamento:

As pessoas estão escandalizadas por nestes dias o Senhor se dignar a aumentar sua grande misericórdia no sexo frágil. Mas, por que não passa pela cabeça delas que coisa semelhante aconteceu nos dias de nossos pais, quando, enquanto homens foram entregues à indolência, mulheres santas foram cheias do Espírito de Deus para que profetizassem, governassem energicamente o povo de Deus e até mesmo alcançassem gloriosas vitórias sobre os inimigos de Israel? Falo de mulheres como Hulda, Deborah, Judite, Jael e afins.

²⁸ Carta 185: “Se não tiveres contato com nada mais que não esteja disponível ao nosso povo, ao menos **as profecias da bem-aventurada e mais famosa Hildegard estão disponíveis para ti. Eu a tenho em grande apreço e reverência desde que o Papa Eugênio a tratou com profunda afeição. Leia atentamente e deixe-me saber se algo foi revelado a ela em relação ao fim deste cisma.** Ela predisse ao saudoso Papa Eugênio que ele não teria paz e vantagem em Roma senão em seus últimos dias” (JOHN OF SALISBURY, 2003, p. 631) [grifos nossos]

²⁹ Também na *Vida* está escrito: “De como pode ser comparada ela, e o lugar que Deus a destinou, com a profetisa Débora e seu lugar (HILDEGARD VIN BINGEN, 2001, p. 48). E ainda: “Diz-se de Débora que viveu entre Rama e Betel. Rama significa “a excelsa” e Bethel “a casa de Deus” (...), do mesmo modo pode-se dizer que na beata Hildegard a profecia habitava entre a casa de Deus e os lugares excelsos” (Idem, 2001, p. 58).

³⁰ “Na verdade, exceto aquela por cujo Filho alcançamos nossa salvação, sua graça é única entre as mulheres. Pois, embora encontremos nas Escrituras algumas canções e profecias de Miriam, a irmã de Aarão e Moisés, de Débora ou de Judite, a senhora nos parece equivalente, se assim posso dizer, àqueles contemplativos dos mais elevados mistérios por meio de visões ou revelações do Senhor, muito mais embebida pelas torrentes do Espírito” (HILDEGARD OF BINGEN, 1994, p. 17).

Como profetisa e santa, Hildegard ficou conhecida também nos séculos seguintes, atestam Matthew Paris³¹, Hadewijch³² e Tauler³³, que a ela referiram-se com reverência, e ainda Gebeno de Eberbach, que compilou as visões apocalípticas de Hildegard e as publicou na obra *Speculum futurorum temporum (siue Pentachronon sancte Hildegardis)*, em 1220, reafirmando seu caráter profético.

Para entender por que ela era conhecida como profetisa e o que isto significava, é preciso definir profecia e profetismo, além de, em primeiro lugar, apresentar uma definição de profeta – algo bastante difícil porque, como lembram Sicre Díaz (2016), Alonso Schökel (2018) e Schwantes (1982), não há uniformidade entre os profetas em todos os aspectos e a profecia veterotestamentária não é um bloco homogêneo.

Embora seja comum se pensar que o significado principal da palavra profeta é “aquele que prediz o futuro”, esta noção está equivocada: o profeta é, acima de tudo, aquele que é chamado por Deus e fala em nome Dele. “Aquele que fala no lugar de” é o significado literal de *prophetés*, palavra grega que originou “profeta”, isto atesta Alonso Schökel ao escrever: “os profetas são mensageiros da palavra de Deus na história e para a história” (2018, p. 14).

A este personagem, Monloubou (1987, p. 12) lembra que os hebreus se referiam de diversas³⁴ maneiras, como vidente, visionário, adivinho, proclamador, homem de Deus e porta-voz. Segundo Scharbert (1983, p. 54) os profetas são pessoas carismáticas e inspiradas que:

Em épocas de degeneração do culto e da consciência moral, e em perigos de secularização da vida ou de infiltração de costumes pagãos, despertaram a nação em nome de Javé, pondo-se incondicionalmente a serviço da vontade de Deus na religião, na política e na vida social.

³¹ “É horrível, é um terrível presságio, que em trezentos ou quatrocentos anos, ou ainda mais, as antigas ordens monásticas não se degeneraram tão completamente como essas fraternidades. Os frades, que foram fundados há apenas vinte e quatro anos, estão construindo ainda hoje, na Inglaterra, residências tão grandiosas quanto os palácios de nossos reis. Estes são os que, ampliando dia a dia seus suntuosos edifícios, circundando-os de paredes elevadas, acumulam dentro deles tesouros incalculáveis, **transgredindo imprudentemente os limites da pobreza e violando, segundo a profecia da alemã Hildegarda, as regras fundamentais de sua própria profissão**” (JONES, Rufus M., 1909, p. 169).

³² A mística brabantica colocou Hildegard em sua lista de pessoas perfeitas: “Heldegaert die al de visionen sach” (Hadewijch, 1996, p. 160).

³³ Johannes Tauler cita Hildegard em três sermões: no *Sermão 31, Festa do Santíssimo Sacramento II*, em que compara a visão de uma freira dominicana durante a missa a uma visão de Hildegard descrita na *Vida; no Sermão 41*, pregado no *Quinto Domingo depois da Trindade*, em que fala sobre a necessidade do sofrimento, e no *Sermão 68, Festa da Consagração I*, de 1339, em que comenta, a partir da miniatura da primeira visão do *Scivias*, pintada no refeitório do Convento de Santa Gertrud, em Colônia, a imagem e a descrição da visão feitas por Hildegard (TAULER, 1979, pp. 216, 313, 526).

³⁴ Podiam ter conotação positiva ou negativa, tanto é que, enquanto Jeremias e Ezequiel, por exemplo, se reconhecem profetas, Amós rejeita o título e Oséias e Isaías não se identificam desta maneira.

O profeta comumente denuncia a idolatria, também chamada de adultério, e a imoralidade. Ele tem a certeza de que o povo se afastou de Deus e de que é chamado para desempenhar uma missão única, que só ele pode realizar (FARIA, 2006). Deus, para o profeta, é extraordinariamente real, e ele proclama a mensagem com segurança e propriedade, porque não se trata de uma palavra humana, mas da palavra de Deus.

Os profetas bíblicos se mostram às vezes curiosamente atrevidos. Se expressam sobre temas que superam as forças humanas com uma segurança que pareceria vaidade infantil se não decorresse de uma convicção muito coerente. Assim, por exemplo, não têm medo de definir de antemão um porvir muito próximo, e não são as críticas provocadas por certo atraso na realização do mesmo (Is 5,19; Ez 12, 21-23) que lhes separa de comprometer-se seriamente com esse porvir e atribuir-se uma autoridade soberana (MONLOUBOU, 1987, p. 23)

Ainda acerca da segurança inabalável dos profetas, convém destacar as palavras de Schökel, que faz também uma verdadeira leitura da personalidade profética, recordando a seriedade com que encaram seu ofício, ao qual devotam a vida em obediência:

Pelo fato de viverem existencialmente inseridos na realidade divina adquirem a segurança inabalável de possuírem sua palavra. A vontade de Deus converte-se em vontade do profeta; as metas divinas, no seu ideal humano. Toda a personalidade profética entra a serviço dos desígnios de Deus. Sua vida é agora vida de obediência. É nessa apropriação religiosa da palavra de Deus por eles recebida que radica o ponto de origem de todas as linhas que configuram a vida do profeta (2018, p. 35).

O profeta, portanto, é alguém inspirado diretamente por Deus, que foi chamado por meio de um sinal inequívoco (voz, luz, toque, nuvem, sarça ardente etc) para falar, em tom de denúncia, sobre um assunto importante, reconhecido por ele como urgente, a fim de edificar as pessoas. Sua mensagem costuma ser dirigida a autoridades estabelecidas, como reis e sacerdotes, mas também interpela o povo inteiro. Infere-se que a atuação pública, portanto, a denúncia, a pregação incansável, faz parte do ofício profético, por isso pode-se dizer que não há profeta que tenha permanecido calado e inerte.

Hildegard tem muito em comum com os profetas do Antigo Testamento. Como Zacarias, ela tinha visões; como Isaías, recebeu ordens para que registrasse tudo; como Jeremias, tinha um “secretário” que escrevia as mensagens; como Oséias, viveu durante

uma crise política; como Débora, compôs cânticos; como Moisés, guiou seu povo para a “terra prometida”; como Hulda, foi consultada por um rei; como Ezequiel, sentiu angústia ao ver a infidelidade do povo de Deus; como Jeremias, ficou aflita ao ver sábios e sacerdotes virando as costas para Deus e suplicou para que deixassem a má vida; como Miquéias, censurou a avareza; como Sofonias, fez ameaças de condenação e exortações às pessoas em geral; como Jonas, pregava a penitência para aplacar a ira divina e afastar ou protelar o castigo; como Habacuque, profetizou o juízo divino sobre os inimigos; como Naum, lembrou a todos que os poderes do mundo têm fim; como Miriam, liderou com músicas e composições; como Sofonias, apelou para que o povo se arrependesse; como Ageu, lembrou a importância das boas obras etc. Como muitos profetas, Hildegard recorreu a imagens e figuras de linguagem; tinha uma linguagem simbólica bastante complexa e utilizava expressões como “Ai!”, “Escutai”, “Naquele dia”, “Assim eu vi”, “Eu vi e ouvi”, “Numa verdadeira visão”, dentre outras.

Não à toa Hildegard era comparada aos profetas. Ela tinha, de seu tempo, uma percepção de profunda decadência, pelas práticas imorais dos eclesiásticos, entregues à simonia e ao nicolaísmo, e pela propagação da heresia cátara. Em sua concepção, o povo de Deus estava abandonado por quem o deveria guiar, assim, ela tomou para si esta tarefa e buscou atuar publicamente, influenciando de maneira direta o mundo exterior, tanto secular como eclesiástico, e indo muito além de sua atividade administrativa e formativa como abadessa dos mosteiros de Disibodenberg, Rupertsberg e Eibingen.

Ela viajou, pregou, trocou cartas, fez milagres, exorcismos, exortou e aconselhou centenas de pessoas. Não surpreende, portanto, que tenha sido chamada de profetisa por seus contemporâneos, e de profetisa apocalíptica³⁵ pelos cristãos dos séculos posteriores.

3.2 Atuação Pública: Viagens, Pregações e Cartas

A própria Hildegard deixou em suas *Cartas* registros de sua atuação pública. Por elas, é possível saber que ela fez ao menos quatro grandes viagens pelos rios Mosela, Nahe, Reno e Meno, de barco, e ainda uma por terra, tendo visitado Colônia, Boppard, Mainz, Wertheim, Wiirzburg, Kitzingen, Ebrach, Andernach, Bamberg, Siegburg, Werden, Liège, Metz, Krauftal, e ainda Rodenkirchen, Maulbronn, Hirsau, Krichheim e

³⁵ Apocalíptica é um tipo de literatura profética. A principal distinção que se costuma apontar é que a literatura profética era inicialmente oral e só depois, normalmente por sucessores do profeta, eram registradas por escrito, enquanto a literatura apocalíptica é escrita, mais elaborada, “dotada de umas possibilidades técnicas de que não dispunha a literatura oral” (MONLOUBOU, 1987, p. 19).

Zwiefalten, na Suábia, para pregar sobre a reforma monástica e clerical. É possível saber pelas *Cartas* que ela solucionou difíceis questões teológicas aos próprios teólogos; que aconselhou e exortou grandes personalidades; que fez exorcismos e milagres por toda a região do Reno e ainda profecias tanto para pessoas comuns, sobre suas vidas particulares, como para figuras importantes, como o Imperador Friedrich I.

Há *Cartas* dirigidas a congregações inteiras³⁶; a abades e abadessas³⁷, em que faz exortações e dá orientações acerca da fidelidade aos votos³⁸; há *Cartas* sobre a heresia cátara³⁹; sobre o cisma⁴⁰; cartas em que explica suas visões e trechos da Bíblia⁴¹; sobre a simonia⁴² e ainda sobre o combate aos vícios e cultivo de virtudes⁴³, dentre outros temas. Em suas *Cartas* há tanto menções a pregações e viagens como literalmente exortações, sermões⁴⁴ e repreensões enviadas aos mais diversos destinatários.

Na Idade Média, o sentido de “profecia” era amplo, podendo significar inspiração divina, de maneira geral, e ainda incluir revelações de segredos sobre o passado ou o presente (FLANAGAN, 1998), não necessariamente dizia respeito a revelações futuras. No mesmo sentido, McGinn (1998) afirma: “não implica necessariamente numa preocupação com a estrutura e o iminente Fim da História”. No entanto, no caso de Hildegard, a concepção corrente de “profeta”, no sentido de fazer previsões, também se aplica, pois há registros⁴⁵ de previsões tanto sobre o futuro da Igreja como de pessoas específicas, o que prova que ela havia se tornado um tipo de “oráculo”⁴⁶.

A importância de Hildegard é bem ilustrada pelo espírito com que suas *Cartas* eram recebidas. O monge Guibert de Gembloux bem detalha para Hildegard o que fez assim que recebeu a resposta dela para uma carta que havia enviado:

Entrei na igreja ao lado de casa e **coloquei sua carta sobre o altar**. Então, **caindo de joelhos, orei ao Espírito Santo para que me tornasse digno de lê-la** e fortalecesse a fraqueza do meu coração. [...] Então peguei sua carta novamente e a li duas ou três vezes em silêncio. E em puro espanto com as palavras, eu estava, por assim dizer,

³⁶ Por exemplo, *Cartas* 241r, 247, 248, 276r, 277;

³⁷ *Cartas* 252, 253, 254, 260, 261, 266, 267 e 268;

³⁸ *Cartas* 286, 299, 354;

³⁹ *Cartas* 15r, 169, 169r, 202, 263, 381, 387;

⁴⁰ *Cartas* 10, 25, 42, 51, 265r e 296r;

⁴¹ *Cartas* 375, 376, 379, 383, 385, 386;

⁴² *Cartas* 12, 13r, 18r, 149r;

⁴³ *Cartas* 249, 250r, 384;

⁴⁴ *Cartas* 15, 15r, 78r, 223r, 377, 381;

⁴⁵ As *Cartas* 90, 97, 148, 164, 165, 179r, 181, 182, 187, 204, 205 e 207, por exemplo.

⁴⁶ John of Salisbury, na carta já citada a Gerard Pucelle, ao pedir que o amigo procure saber se Hildegard revelou algo sobre o cisma, usa a expressão *visiones et oracula*.

completamente mudado e levado quase ao êxtase, pois as coisas ditas superaram meus pobres poderes, e **parecia ser mais a voz do Espírito ou a fala dos anjos do que de um ser humano** (GUIBERT DE GEMBLOUX, 1998, p. 19) [destaques nossos]

Guibert também menciona a inquietação⁴⁷ das pessoas, ansiosas para que traduzisse e lesse as palavras de Hildegard. Ele deixa claro que procurou satisfazer a curiosidade lendo-a na presença de várias pessoas, tanto religiosas como leigas, descreve a reação delas⁴⁸ e transcreve as palavras do erudito e ex-abade Lord Ruperto, que, após lê-la, em silêncio, balançando a cabeça várias vezes, falou de Hildegard:

"Creio", disse ele, "que nem mesmo os maiores teólogos da França hoje, por maior que seja sua inteligência, poderiam compreender completamente o poder e a profundidade de algumas das palavras encontradas nesta carta, exceto pela revelação daquele mesmo Espírito que as inspirou". [...] "Suave e gentil de coração, ela bebe dessa plenitude dentro de si e a derrama de si mesma para aliviar a sede de quem tem sede" (*Idem*, p. 20)

Nota-se uma verdadeira devoção dentre os contemporâneos de Hildegard, isto demonstra que sua fama era grande e sua autoridade inegável. É importante observar com maiores detalhes como era a sua relação tanto com autoridades eclesiásticas como com autoridades seculares.

3.2.1 Relação com Autoridades Eclesiásticas

Abades, bispos, papas e até mesmo congregações inteiras estavam entre os correspondentes de Hildegard. A ela, muitos recorriam em busca de apoio, consolo e conselhos. Dentre seus correspondentes religiosos estavam admiradores que ou sonhavam com um encontro pessoal – enquanto não era possível, se satisfaziam com uma carta dela – ou haviam presenciado suas pregações e já a conheciam pessoalmente, mas desejavam

⁴⁷ "Quando o dia começava a virar noite, Lorde Siger voltou para casa e, ao me ver, sorriu graciosamente e me dirigiu as saudações que havias confiado a ele. **Quando soube que eu tinha lido sua carta, disse: 'Eu rezo para que me relates em francês, a fim de que eu não seja como o asno que carrega o vinho, mas não o prova'**. Insistindo em seu pedido, foi com alguma dificuldade que consegui que adiasse para o dia seguinte, pois já era noite" (GUIBERT VON GEMBLOUX, 1998, p. 19). [destaques nossos]

⁴⁸ "Então, o espanto tomou conta de todos e, cheios de admiração, deram graças à Sabedoria e ao Espírito que falava por meio de seu instrumento, isto é, sua boca. **Todas essas pessoas, de diferentes níveis e idades, insistiam - na verdade, exigiam - que eu cumprisse essa difícil tarefa de tradução, embora eu não quisesse. No entanto, quão alegremente ouviram essa sua carta, quão ansiosamente mandaram fazer cópias, quão entusiasmadamente leram e elogiaram – não apenas leitores singulares, mas quase toda a igreja!**" (*Ibidem*) [destaques nossos]

um conselho pontual ou uma maior proximidade, a fim de que ela “falasse bem deles” ao Amado.

Hildegard respondia de maneira cortês e direta. Oferecia consolo e a todos aconselhava; quando necessário, também dirigia palavras duras, clamores para que se convertessem, ameaças, além de denúncias veementes sobre a doutrina cátara e sobre a imoralidade.

A um admirador, o prior de São Simeão (*Carta 221r*), de Trier, que escreveu uma carta elogiosa e permeada de gratidão, Hildegard não poupou advertências e conselhos, instando-o para que se arrependesse e despediu-se com duras palavras: “Agora, portanto, abra seus olhos e considere quão negligente tem sido no curso de sua vida. Faça boas obras e atente para o seu desleixo, assim viverá para sempre” (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p. 16).

Um importante momento, que está registrado nas correspondências, foi a viagem a Trier, por volta de 1160, quando, na festa de Pentecostes, proferiu um sermão em que denunciou a corrupção dos prelados. O curioso é que o prior e demais religiosos, alvos de suas denúncias, escreveram uma carta para Hildegard (*Carta 223*) pedindo⁴⁹ que ela enviasse por escrito o sermão que havia pregado naquela ocasião. Eles deram ouvidos ao que ela falou, louvaram a Deus pela sua vida e por ter permitido que seus pensamentos lhe fossem revelados, e reiteraram a confiança e a crença em tudo o que ela revelou. Mesmo enquanto “réus”, não escreveram para ela orgulhosamente, exigindo retratação ou procurando desqualificá-la, por ser iletrada e mulher.

A uma congregação de monges (*Carta 241r*), Hildegard condena os pecados sexuais e a falta de verdadeira conversão:

Sua mente é como uma nuvem carregada, ora com raiva da negligência, ora com a imundície bestial da devassidão, já que deixam de oferecer a "oferta pacífica", dizendo em vez disso: "Não nos conteremos porque, tendo nascido de Adão, não podemos cingir nossos lombos⁵⁰". [...] Por que, então, não coram quando, embora tenham sido puxados como labregos da estrebaria dos jumentos, e altamente honrados com ritos de santificação pelo Senhor celestial, voltam correndo para lá? Oh, ai! (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p. 40)

⁴⁹ “Agora, porque Deus está convosco e porque as Suas palavras saem da vossa boca, nós vos rogamos com todo o fervor, mãe amada, que envie por escrito através do presente mensageiro as coisas que nos revelaste nessa ocasião” (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p. 17).

⁵⁰ “Cingir os lombos” é uma expressão que aparece frequentemente na Bíblia e semanticamente equivale a “estar pronto”, “ficar preparado”.

No entanto, Hildegard, de maneira geral, não era favorável à deposição⁵¹ de superiores indignos, bastaria que começassem a julgar com sabedoria. Ela chegou a escrever: “não rejeitem esse homem neste momento, dizendo: ‘nenhum de nós quer que ele seja nosso superior porque é um vaso impuro’” (*Carta 298*), porque “Deus ama muitas pessoas que os homens desprezam” (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p.101).

A um abade (*Carta 252*) - não se sabe se referindo-se diretamente a ele ou a outros – numa carta bastante curta, de um parágrafo, denuncia a simonia:

A sabedoria diz: ninguém pode chamar uma nuvem e os terrores da tempestade de "céu". Aqui está o significado destas palavras: **Quem deliberada e avarentamente se apodera de um ofício pastoral como um ladrão não deve de modo algum ser chamado de "pai"**. Tais pessoas agem como os samaritanos, que foram divididos em duas partes, uma com ídolos, a outra com a Lei Antiga. Deve-se fugir imediatamente dessas coisas e tornar-se companheiro dos pequeninos de Deus. Estas palavras devem ser observadas! (*Idem*, p. 50) [destaques nossos]

Em resposta a cistercienses (*Carta 276r*), ela descreve a tristeza da Fonte Viva, porque “os filhos, a quem nutriu com seios fartos, caíram e não querem ser limpos da sujeira de suas mentes inconstantes” (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p. 73). Chamando-os de “miseráveis”, afirma que eles, que têm o dever de iluminar as demais pessoas e mostrar o caminho certo, abandonaram a noiva e se tornaram obscuros e manchados. Afastando-se do Amor, que deveria resplandecer neles, já não são aquecidos pelo coração da mãe, mas alimentados com fezes de porco por uma “velha curvada, enrugada, de dentes rangentes e moral de serpente, horrível em tudo que faz” (*Ibidem*).

Além da imoralidade, ela critica a aproximação com os cismáticos, os cátaros, a quem costumava chamar de Saduceus:

Ó belas flores e companheiros dos anjos, **por que ingerem a comida da serpente, isto é, anseiam pela associação duvidosa e pútrida dos grandes cismáticos, um pecado mortal?** E por que escalam as montanhas instáveis de questionamentos frequentes e vãs investigações, deixando de perceber que a cada indivíduo é dado de acordo com a sua capacidade? Andem pelos caminhos apropriados e firmes, e não deixem que o vendaval os disperse. (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p.73) [destaques nossos]

⁵¹ A única exceção que figura em *Carta* é o conselho que ela dá para que a superiora continue no cargo, mas a subpriora seja destituída (*Carta 268*), por estar “causando a inquietação por sua própria moral frouxa” (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p.64), algo que corrigiria as outras irmãs desobedientes às superiores.

Hildegard os combate fortemente. Na *Carta* 297r, em resposta a um Padre, ela discorre sobre a celebração da Missa e, além de dizer que os cátaros “em tudo se extraviam” (*Idem*, p. 99), menciona o dualismo de sua crença e o fato de não crerem na Eucaristia nem na Ressurreição. Ao final, deixa muito claro como os vê: “de todos os que se desviam, essas pessoas são as piores” (*Idem*, p. 100).

Ao Arcebispo de Colônia, Philip, ela dirige duras palavras: “E ouvi uma voz de cima dizendo a ti: tome sua decisão, ó homem, se desejas permanecer neste jardim de delícias ou deitar com os vermes naquele excremento fedorento” (*Idem*, p. 69). E finaliza: “reflita sobre toda a sua vida, desde a infância até o presente. Além disso, mude seu nome, isto é, de lobo para cordeiro” (*Ibidem*).

O Papa Eugênio, que reconheceu seus dons, autorizou que escrevesse e divulgasse o *Scivias*, também foi destinatário de uma *Carta*, escrita num tom incisivo, em que ela relembra a sua responsabilidade, enquanto papa, sobre todas as almas, e seu dever de não permitir que se percam, afundadas no “lago da perdição”, pelo poder dos prelados de boa vida. Ela finaliza pedindo que ele, enquanto “representante de Cristo no trono da Igreja”, escolha “a melhor parte”, para que possa adornar os salões da Igreja com as almas que lhe foram confiadas.

Ao Papa Anastácio IV, sucessor de Eugênio que ocupou o trono papal por tempo brevíssimo, pois foi eleito já em idade avançada, Hildegard não escreve para condenar por consentir em fazer o mal, mas para instá-lo a deixar de ser omissos, por não buscar erradicar o mal que sufoca o bem e permitir, por covardia, que ele se imponha:

Portanto, ó homem, tu, que estás sentado no trono papal, desprezas a Deus quando abraças o mal. Pois, ao deixar de levantar a voz contra o mal daqueles em tua companhia, certamente não estás rejeitando o mal, em vez disso, o estás osculando. E assim o mundo inteiro vai sendo desviado pelo grave erro, porque as pessoas amam aquilo que Deus despreza. (HILDEGARD VON BINGEN, 1994, p.41)

Aos Papas Anastácio IV (*Carta* 08), Adriano IV, Eugênio III e Alexandre III os temas se repetem, embora frequentemente o tom mude de repreensão para piedade. O mais interessante, dentre as correspondências trocadas com os papas, é que eles escrevem em nome próprio, não como representantes de Cristo, cabeças da Igreja, pontífices. Em suas cartas, nenhum deles dirige ameaças, duras repreensões, acusações diretas ou mesmo ordens, sequer reitera seu cargo para obrigar à obediência ou transcreve a voz de Deus,

do Cristo, já Hildegard, uma mulher, faz isto em muitas das *Cartas*. Isto, de um lado, reafirma o caráter pessoal das cartas e, de outro, enquanto exceção, a autoridade de Hildegard.

3.2.2 Relação com Autoridades Seculares

A mais importante personalidade secular com quem Hildegard se relacionou foi Friedrich Barbarossa, enquanto rei e, posteriormente, imperador. Inicialmente, a relação foi pacífica e respeitosa. Ainda na década de 1150, quando Hildegard já era famosa internacionalmente, Friedrich a convidou para visitá-lo em seu palácio, em Ingelheim, ocasião em que ela fez previsões pessoalmente.

As previsões que ela fez, Friedrich, na *Carta* 314⁵², reverentemente, confirmou terem se realizado. A relação continuou pacífica por mais alguns anos. Em 1163, ele chegou a conceder a Rupertsberg um decreto de proteção imperial perpétua. No entanto, pelo fato de Friedrich – que já havia, em 1159, levantado um candidato próprio ao papado, Victor IV, em oposição ao papa verdadeiro, e se tornado cismático -, nomear um sucessor, Pascoal III, em 1164, quando da morte de Victor, Hildegard sentiu a obrigação de enviar uma *Carta* (a 313) de repreensão, chegando a compará-lo com uma criança ou um louco: “Pois em uma visão mística eu te vejo como um garotinho ou algum louco vivendo diante de Olhos Vivos” (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, 113).

A *Carta* não surtiu efeito e, em 1168, quando Pascoal III faleceu, ele indicou um novo antipapa, Calixto III. Hildegard enviou uma nova *Carta* (315), num tom ainda mais grave: “Aquele que É diz: ‘Eu destruo a contumácia, e por mim mesmo esmago a rebelião daqueles que me desprezam. Ai, ai da malícia dos ímpios que me desafiam! Ouça isso, ó rei, se deseja viver; caso contrário, minha espada o trespassará”(Idem, p. 114). Ainda assim, o Cisma durou até 1177.

Na *Carta* 311, ao rei Conrad III, que havia escrito uma bonita carta para Hildegard, lembrando que ele e sua família, embora vivessem no século, corriam para ela, se refugiavam nela e humildemente buscavam o apoio das orações e exortações dela, pois, segundo ele, “vivemos muito diferente do que deveríamos” (Idem, p. 109), ela responde exortando: “mais uma vez, ó rei, Aquele que sabe tudo te diz: tendo ouvido essas coisas,

⁵² “Agora temos aquelas coisas que a senhora nos previu quando esteve em nossa presença, enquanto estávamos na corte em Ingelheim” (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p. 113)

ó homem, refreie teus prazeres e corrija-te, para que possas vir purificado naquele tempo em que não precisarás mais corar por teus atos”.

Ao rei Henry II, na *Carta* 317, ela clama para que governe com justiça:

Reinando, protegendo, defendendo e provendo, terás o céu. Mas um pássaro agourento voa à meia-noite e te diz: “tens a oportunidade de fazer o que quiseres. Faça isso e aquilo, intervenha nestas e naquelas questões; não há vantagem em buscar justiça. Se a procuras, não és um senhor, mas um servo”. Mas **não debes dar atenção ao trapaceiro que o aconselha desta maneira.** (HILDEGARD VON BINGEN, 2004, p. 116) [destaques nossos]

Já à esposa, Éléonore d’Aquitaine (*Carta* 318), aconselha que fuja das preocupações e descanse em Deus, que auxilia em todas as tribulações, e a Bertha (*Carta* 319), rainha dos gregos, escreve para consolar por não ter tido filhos e aconselhar que reze e peça a Deus. Vê-se, portanto, que, em relação aos poderosos do mundo secular, com frequência ela era atenciosa e amorosa. Sua principal preocupação era que reinassem com justiça, sendo verdadeiros exemplos de benevolência e virtude para os seus reinos.

Neste capítulo foi possível ver a importância de Hildegard diante de religiosos e líderes do mundo secular. Para ela, escreveram com respeito e reverência, pedindo auxílio, consolo, conselho, ou buscando revelações acerca do futuro próprio ou da Igreja inteira. Em contrapartida, ela respondia frequentemente com palavras duras ditas pela própria Luz Viva, mas também poderia aconselhar ou dirigir palavras de consolo. Suas maiores preocupações eram a corrupção e imoralidade do clero, a busca desenfreada por dinheiro e poder, e a falta de zelo para com a direção dos fiéis.

Hildegard, sendo mulher e sem educação formal, só conseguiu desempenhar seu ofício profético com sucesso, dirigindo essas palavras duras para poderosos, porque, além de inteligente e carismática, ela utilizou algumas estratégias discursivas para que sua autoridade fosse mais facilmente reconhecida.

4 HILDEGARD SOBRE ELA MESMA: ESTRATÉGIAS PARA A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO

Como visto, Hildegard está nos primórdios da mística visionária da região do Reno, em pleno século XII, período apontado por alguns autores como de “descoberta do indivíduo”, no qual ocorreu o desenvolvimento do olhar para o interior – a partir do qual ela tinha as suas visões.

Hildegard fala em latim, de dentro da instituição e em defesa dela e da mensagem evangélica, frequentemente denunciando clérigos – algo que não poderia ser feito se falasse em nome próprio, como mulher sem estudos formais. Ela posiciona-se, então, como porta-voz de uma autoridade acima da masculina, a do próprio Deus, ao mesmo tempo em que, consciente de seu tamanho – que contrasta com a importância de sua missão e do poder das autoridades que precisava admoestar -, se apresenta humildemente como uma mulher inferior e ignorante.

Para ser ouvida, Hildegard fez uso de estratégias retóricas que a blindassem de acusações de soberba e petulância, e persuadissem as pessoas a ouvir sua mensagem. Ela deixou registros em primeira pessoa do singular dos principais eventos de sua vida e, pela análise deles, é possível entender a imagem que procurou passar e as estratégias discursivas que utilizou para desempenhar sua atuação pública sem maiores problemas: a suas obras visionárias, escritas em latim, escreveu prólogos, que têm como finalidade dar explicações e apresentar uma espécie de defesa da obra; e em algumas *Cartas*, expôs tanto como se davam as suas visões como forneceu informações acerca de sua infância e juventude que permitem identificá-la como uma mulher humilde, de saúde frágil e ignorante que, no entanto, desde que nasceu dá mostras de ser escolhida por Deus.

Nota-se que Hildegard utiliza três apelos principais (o que não significa que suas visões eram falsas ou que era manipuladora, apenas que soube colocar-se de forma a atingir sem maiores dificuldades seu objetivo) para legitimar o seu discurso: ela se apresenta como uma mulher fraca e ignorante, salientando sua ignorância e incapacidade de, por si mesma, falar sobre assuntos elevados, a fim de dar à Luz Viva todo o crédito pelas suas visões e, assim, ser ouvida; enfatiza a origem divina das visões, chegando a transcrever a ordem para que as divulgasse em seus livros visionários; e estabelece uma conexão entre doenças e a obediência à visão.

4.1 Ênfase na Ignorância e Pequenez

Em diversos momentos, tanto nos prólogos de seus livros visionários como em algumas *Cartas*, Hildegard ressalta que é uma pobre mulher ignorante e fraca. Por exemplo:

Eu, pois, **pobre criatura sem forças**, na presença daquele homem que, como disse nas visões anteriores, secretamente procurei e encontrei, e da outra testemunha, aquela jovem de quem falei nas mencionadas visões, embora debilitada por muitas doenças, **finalmente consegui escrever, com a mão trêmula**. (HILDEGARD VON BINGEN, 2013, p. 27)

O mesmo se vê em importantes *Cartas*, como a escrita para Bernard de Clairvaux, em que, lembra Cirlot (2001, p. 56) ela contrasta a grandiosidade do fenômeno com sua pessoa fraca e pequena, e a Guibert de Gembloux, para quem Hildegard dirigiu um dos trechos mais famosos de sua autoria:

Oh servo fiel, eu, **pobrezinha forma de mulher**[...]. E de onde viria isso, se eu não me conhecesse na minha pobreza? Deus opera onde quer para a glória de Seu nome e não do homem terreno. Eu sempre **tenho um medo tremendo**, pois **não conheço em mim nenhuma segurança do que quer que seja. Mas estendo minhas mãos para Deus, e Ele me sustenta como uma pena leve que se deixa levar pelo vento**. (HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 21)

Além da descrição de como aconteciam as suas visões, ela se retrata como uma “pena leve que se deixa carregar pelo vento”. Esta é uma mostra de humildade que traz claramente a imagem que Hildegard quis passar para seu destinatário e que certamente propiciou a admissão de sua experiência visionária por parte da hierarquia eclesiástica. Como lembra Góngora (2012, p. 13), esta mesma imagem ela utiliza em ao menos duas outras *Cartas*⁵³, novamente destacando o temor que sentia, tamanha a sua pequenez, e a força d’Aquele que a sustentava.

Hildegard não teria como projetar-se publicamente se falasse em nome próprio, como mulher “iletrada”. Para ser ouvida, lançou mão de artifícios retóricos e de estratégias discursivas que evitassem que as autoridades e a população em geral a considerassem petulante e soberba e que, ao mesmo tempo, fossem persuasivas, para que

⁵³ A Odo de Soissons e ao Papa Eugênio III.

levassem a sério a sua mensagem. Assim, foi providencial que se apresentasse como porta-voz de uma autoridade acima da masculina, o próprio Deus.

No prólogo⁵⁴ do *Scivias* está escrito:

E de repente eu entendi o significado dos livros, saltérios, evangelhos e outros volumes católicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, mesmo sem saber a explicação de cada uma das palavras do texto, nem a divisão das sílabas, nem os casos, nem os tempos [destaques nossos] (HILDEGARD VON BINGEN, 1978, p. 3)

Aqui ela atribui a procedência do seu conhecimento a Deus. A partir deste evento, pôde compreender – sem ter estudado a gramática, primeira das Artes Liberais – o Antigo e o Novo Testamentos, além de outros livros seculares e religiosos. Ela enfatiza que não é versada na primeira das Artes Liberais porque não frequentou uma escola, não recebeu educação formal, e seu principal objetivo, ao reiterar esta informação, é destacar que tudo o que fala vem de Deus (NEWMAN, 1998).

Hildegard se apresenta, portanto, como *mulier indocta*, uma declaração que, para Deploige (1998), não necessariamente decorre de uma mostra forçada de humildade ou ironia, pode-se ver nesta declaração de ignorância uma sutil contraposição aos doutores de seu tempo, que estavam fazendo incursões racionalistas para além do considerado prudente por muitos medievais. Declarar-se ignorante, portanto, era em seu tempo uma atitude de modéstia intelectual bem aceita nos círculos monásticos, onde muitos não viam com bons olhos os rumos que o escolasticismo estava tomando.

Vê-se então que reiterar a falta de educação formal e a própria ignorância é uma estratégia discursiva que serve para reforçar o argumento de que tudo o que vê e fala é proveniente de Deus: uma vez que, sendo ignorante, tem o que transmitir, este conteúdo não poderia advir dela mesma, apenas vir diretamente de Deus. Fazendo isto, ela glorifica a Deus ao mesmo tempo em que traz credibilidade aos seus escritos, visto que tudo o que dela própria viesse seria visto com desconfiança. Ademais, atribuir o teor das mensagens a Deus dá a ela maior liberdade para denunciar, pois retira de si qualquer responsabilidade sobre o que é proferido.

Assim, certificando a todos que o conteúdo de sua mensagem não provém dela e apresentando-se como uma mulher ignorante, Hildegard estabelece propositalmente um contraste entre ela e a sua missão: tendo em vista que a fonte de suas mensagens é a

⁵⁴ Acompanhado da iluminura que representa a primeira visão (Anexo B). Nela, Hildegard aparece com o monge Volmar.

própria Sabedoria, quem escutasse suas exortações e repreensões seria constrangido a mudar de postura, até porque, para confirmar a veracidade e proveniência do que dizia, Deus enviava sinais inequívocos – a começar pelo fato de fazer uma mulher iletrada ensinar sobre assuntos teológicos.

Ao mesmo tempo em que humildemente se declarava uma *indocta mulier*, Hildegard era intransigente na defesa de suas convicções e não recuava, desafiando, cheia de autoconfiança, quem quer que duvidasse dela - como se nota na polêmica do interdito sobre Rupertsberg, nos últimos meses de sua vida. Seu poder, portanto, deriva em grande parte desta contradição: como pobrezinha forma de mulher, ela tinha liberdade para atuar dentro da Igreja, inclusive pregando a pedido do Papa, e para defender a Reforma. Foi assim que, paradoxalmente, a “pobre mulher indouta” tornou-se uma das mulheres mais poderosas e influentes de seu tempo, obtendo permissão expressa para escrever e pregar sobre assuntos teológicos, chegando a exortar seus superiores, como visto.

4.2 Obediência à ordem divina

Nos prólogos escritos aos seus três livros visionários, Hildegard seguiu, de maneira geral, a mesma estrutura: apontou o período histórico em que escrevia, o tempo que levou para finalizar a obra, reiterou que a mensagem provinha de Deus e que, sendo frágil, humilde e inculta, em meio a muitos sofrimentos, escreveu por obediência. Ela iniciou os três livros visionários justificando a escrita deles e chegou até mesmo a transcrever a ordem da Luz Viva. No *Scivias*, por exemplo, está escrito:

No quadragésimo terceiro ano de minha jornada terrestre, enquanto olhava temerosa e atentamente para uma visão celeste, vi uma grande luz a partir da qual ressoou uma voz do Céu, que dizia: ‘Ó frágil humana, cinza das cinzas e imundície das imundícies! **Diga e escreva o que vê e ouves, mas, uma vez que és tímida para falar e simples em expor, e não aprendeste a escrever, fala e escreve essas coisas não pela boca humana, e não pelo entendimento inventivo dos homens, e não pelos requisitos da composição humana, mas como vê e ouves nas alturas nos lugares celestiais nas maravilhas de Deus. [...] Portanto, ó humana, fale estas coisas que vê e ouves e escreva-as não por si mesma ou qualquer outro ser humano, mas pela vontade d’Aquele que conhece, vê e dispõe todas as coisas nos segredos de Seus mistérios’ (HILDEGARD VON BINGEN, 1978, p. 3) [destaques nossos]**

Em vários momentos, ela reiterou que o que dizia vinha diretamente de Deus, que a estava obrigando a divulgar. Hildegard se preocupou em explicar o evento-chave de sua vida, à luz do qual todo o resto foi interpretado e tudo o que fez justificado. Hildegard disse literalmente que quem falava não era ela, mas a Sabedoria, inclusive foi a Sabedoria quem a definiu, contando a vida dela como quis, e Hildegard apenas repetiu as palavras:

A Sabedoria também me ensinou na luz do amor e me disse de que modo fui colocada nesta visão. **E não sou eu que digo estas palavras de mim, mas a Sabedoria as diz de mim e me falou assim:** “Ouça estas palavras e não as diga como se fossem suas, mas minhas, e assim, **instruída por mim, fala de ti deste modo**” (Idem, p.4) [destaques nossos]

De maneira parecida ela inicia o *Liber Vitae Meritorum* (2013, p. 25). Afirma que aos 60 anos ouviu uma voz do céu ordenando que escrevesse e, citando os secretários como testemunhas, relatou que gostaria de se esconder, mas que ouviu a voz do céu que falava e a instruía. No *Liber Divinorum Operum* (2013, p. 27), ela também transcreveu a ordem advinda de uma voz do céu para que escrevesse⁵⁵, afirmou que durante cinco anos teve visões, a partir dos 65 anos, e que a primeira foi muito poderosa a ponto de adoecer, devido à fragilidade de seu corpo.

Quando relutava e desobedecia a ordem para divulgar as mensagens, Deus enviava doenças e a fazia sofrer de diversas maneiras até que fizesse o ordenado. A ênfase nas doenças e no sofrimento, portanto, serve para reforçar o argumento de que Hildegard não tinha escolha senão obedecer.

4.3 Ênfase nas doenças e no sofrimento

Nos momentos mais decisivos de sua vida, Hildegard relatou dores e fortes doenças, frequentemente relacionando-as à desobediência e à ocultação das visões. A primeira *Carta*, a Bernard de Clairvaux, só foi escrita porque foi obrigada: por guardar silêncio a respeito das visões, estava prostrada, enferma de tal maneira que não podia se levantar⁵⁶. A ele, Hildegard expôs sua angústia por ser pressionada com uma severa doença.

⁵⁵ Uma iluminura ilustra este evento. Nela, aparecem Volmar, Hildegard e uma freira (Anexo C)

⁵⁶ “Pai bom e dulcíssimo, me ponho em tua alma para que me reveles, por esta palavra tua, **se queres que abertamente diga estas coisas ou que guarde silêncio, já que experimento grande angústia em relação a esta visão, até que conceda em dizer o que vi e ouvi.** Enquanto isso, **por causa desta visão – porque**

No início de seu primeiro livro visionário, o *Scivias*, ela assegura a procedência divina da inspiração; narra o conteúdo da mensagem e expõe que estava obedecendo à ordem de divulgá-lo. Ela afirmou que era forçada por grandes dores a declarar o que via:

Então, naquela visão, **fui forçada por grandes dores a declarar claramente o que vi e ouvi**, mas tinha muito medo e fiquei com muita vergonha de dizer o que tinha ocultado por tanto tempo. **Minhas veias e medula estavam cheias das forças que, por outro lado, me faltaram na infância e juventude.** (HILDEGARD VON BINGEN, 1978, p.3) [destaques nossos]

Observa-se nos prólogos do segundo e do terceiro livros visionários o mesmo padrão do *Scivias*, mas em relatos menores. No *Liber Vitae Meritorum*, ela lembrou tudo o que fez, desde os escritos médico-científicos à *lingua ignota*, e situou historicamente o momento em que o escreveu, aos sessenta anos. Depois das visões, sentiu o corpo pesado, e ficou mais fraca e doente⁵⁷.

Em 1150, quando recebeu a revelação de que deveria partir para Rupertsberg, com suas freiras, também ficou gravemente doente por não revelar a visão:

Por um tempo não consegui ver nenhuma luz por causa de uma névoa nos meus olhos e um peso pressionava meu corpo de modo que eu não conseguia me levantar e caí com dores tremendas. **Sofri isso por não manifestar a visão que me foi mostrada**, sobre a mudança que deveria fazer **do lugar onde havia sido consagrada a Deus para outro, junto com minhas freiras. Eu aguentei isso até que nomeei o lugar em que estou agora, e imediatamente recuperei a visão me sentindo mais leve, mas não me libertei completamente da doença** (Idem, p. 55) [destaques nossos]

Ao relatar a necessidade desta mudança, o abade, os monges e os vizinhos ficaram chocados e de tudo fizeram para que ela não ocorresse, inclusive acusando Hildegard de ter cedido à vaidade. Quando todos negaram seu pedido para que se mudassem, Hildegard adoeceu e só foi curada ao ser atendida. Foram muitos os sofrimentos e ataques sofridos quando desta mudança para Rupertsberg. As pessoas utilizavam sua ignorância e falta de estudos como pretexto para desacreditar as suas visões, aventar a possibilidade de ela

guardo silêncio – permaneço prostrada no leito em meio a graves enfermidades, de maneira tal que não posso levantar-me”. (HILDEGARD VON BINGEN, 1994, p. 27) [Destaque nossos]

⁵⁷ Naquela época, **após as referidas visões, fiquei com uma fraqueza intensa e um peso corporal incômodo e sério**. Foi assim por oito anos. Quando fiz sessenta anos, tive uma poderosa e admirável visão pela qual também sofri durante cinco anos (HILDEGARD VON BINGEN, 2013, p. 25) [destaques nossos]

estar sob influência de espíritos malignos e escarnecer da situação difícil que as monjas, nobres passaram após a mudança. Em meio a tantas dificuldades, ela chegou a chorar⁵⁸.

Ela narrou ainda uma situação em que permaneceu prostrada por trinta dias⁵⁹ e muitas pessoas chegaram a pensar que iria falecer. Em outro momento, relatou ter ficado doente por um ano inteiro:

Depois que a visão me ensinou o discurso e as palavras do Evangelho de João, caí na cama doente, de modo que não conseguia me levantar de forma alguma. O sopro do vento austral tinha me inchado de tal forma que o meu corpo estava despedaçado de tanta dor e mal a alma poderia sustentá-lo. Depois de meio ano, o mesmo sopro perfurou meu corpo, e me encontrei em tal luta que minha alma parecia ir para além desta vida. [...] **Eu estive doente por um ano inteiro**, mas vi em uma visão verdadeira que minha vida não havia terminado seu curso, mas que ainda tinha que durar um pouco mais. (HILDEGARD VON BINGEN, 2001, p.79) [destaques nossos]

Embora possa parecer que Hildegard estava sempre se queixando e vendo o sofrimento como algo negativo (e ela de fato algumas vezes crê que seu sofrimento é um castigo divino por determinado pecado cometido), ela costumava relacioná-lo à purificação. Para ela, o sofrimento é permitido por Deus para que os santos sejam purificados.

Deus permite que seus amigos sejam afligidos por adversidades e doenças, para que sejam purificados do mal; portanto, os inimigos são derrotados quando os eleitos são transformados, pela purificação, em pedras mais resplandcentes ante a presença de Deus. (*Idem*, p. 80-81)

Ela explicou ainda que quando Deus envia o seu Espírito ao homem, por meio da profecia, sabedoria ou milagres, envia também dores constantes na carne, a fim de que o Espírito Santo possa ali habitar. Segundo ela, se isso não fosse feito, certamente ela teria

⁵⁸ “E aqui chegamos com vinte freiras nobres, nascidas em casas de pais abastados, sem encontrar casa nem habitante exceto um velho, sua mulher e seus filhos. Sobre mim caíram tantas adversidades, sofrimentos e trabalhos como quando uma nuvem de tempestade oculta o Sol, que eu, suspirando e derramando lágrimas, disse: ‘Oh, Deus não confunde a ninguém que confia n’Ele!’”. (*Ibidem*, p. 56) [destaques nossos]

⁵⁹ “Deus me jogou no leito com uma doença e deixou todo o meu corpo ofegando sem ar, de tal modo que o sangue de minhas veias, a seiva da carne e as medulas dos ossos secaram, como se minha alma tivesse que se separar do corpo. Nessa situação desastrosa, passei trinta dias. Minha barriga estava fervendo pelo calor do ar incandescente. Por isso alguns consideraram esta doença um castigo. Eu também não tinha a força de meu espírito pregada na minha carne, **nem eu tinha deixado esta vida, nem estava totalmente nela. Meu corpo jazia imóvel no chão sobre um pano, e não via meu fim, embora meus preladados, filhas e parentes tenham vindo com abundantes lágrimas para assistir à minha morte**” (*Ibidem*, p. 60) [destaques nossos]

se afastado do espírito e, como Sansão e Salomão, sucumbido às “delícias da carne”. Assim ela refletiu sobre a importância do sofrimento e das aflições: relacionando-os à incompatibilidade entre o Espírito e o pecado:

Por causa dessa semelhança, quando Deus enviou o homem ao seu Espírito por meio da profecia, sabedoria ou milagres, Ele providenciou dores constantes em sua carne, para que o Espírito Santo pudesse habitar ali. Se eu não a tivesse sujeitado com dores, ela teria facilmente se misturado aos costumes seculares [...] Por que o espírito aflige tanto a carne? É porque o espírito, por sua própria natureza, odeia o sabor de pecado. Mas, quando a carne mata os desejos da alma devido ao frequente deleite ao que se entrega ao fedor do pecado, de tal modo que o espírito não pode respirar sob tal peso, então a carne aflige o espírito, e esta aflição foi dividida pela graça de Deus em duas partes. (*Idem*, p.65)
[destaques nossos]

Para Hildegard, por meio do sofrimento a alma é santificada. A reação instintiva de todo ser humano é fugir do sofrimento e buscar o prazer, no entanto, dos cristãos, tendo em vista que o próprio Deus foi encarnado e sofreu, o que se espera é que se solidarizem e entreguem-se também como vítimas expiatórias pelos pecados do mundo. O sofrimento, no Cristianismo, foi ressignificado e tornou-se sinônimo de amor, sendo, portanto, desejado. Assim, para Hildegard, é através do sofrimento que o espírito se torna cada vez menos apegado ao corpo e mais livre e semelhante ao Amado.

O cristão devoto medieval enfatizava o sofrimento, por isso, eram comuns as práticas de jejum intenso, grandes procissões, duras penitências, mortificações, autoflagelações e as devoções aos mártires. O cristão verdadeiramente arrependido deveria procurar reparar as suas faltas e santificar-se por meio de grandes dores e sacrifícios. Quanto maior o sofrimento, maior a proximidade com Deus.

Pelo fato de Hildegard ter sempre esgotado todos os argumentos antes de “cair doente” e finalmente conseguir o que desejava (como no caso da mudança para Rupertsberg), pode parecer, num primeiro momento, que isto era um tipo de capricho ou forma que ela teria encontrado para ter sua vontade satisfeita – afinal, a vontade de Deus era sempre coincidente com a sua –, mas está evidente em seus escritos que suas doenças eram verdadeiras (SIAN RAPP, 1998).

4.4 Referências à Juventude

Os relatos relacionados à infância e juventude são feitos com as mesmas motivações: confirmar que desde cedo ela tinha visões e, portanto, era escolhida e tinha uma missão importante; que sempre foi muito doente; que ela não entendia muito bem o que ocorria e não sabia lidar – ora revelando acontecimentos futuros e assustando as pessoas, ora sentindo-se envergonhada, preferindo ocultar tudo o que via –, destacando sempre sua humildade, obediência e temor a Deus.

Em *Carta* escrita em resposta a Guibert de Gembloux, ela falou sobre a sua infância, demonstrando, como dito acima, que desde cedo dava sinais da importante missão que viria a desempenhar. Ela escreveu também sobre seu nascimento e a oferta que seus pais fizeram de sua vida a Deus, não deixando de denunciar a infidelidade dos cristãos em geral e dos religiosos ao contextualizar historicamente o evento, ou seja, Hildegard nasceu durante este estado de coisas e – nas entrelinhas se entende – isto não foi por acaso:

Na minha primeira formação, quando Deus me infundiu no ventre de minha mãe o sopro da vida, imprimiu esta visão em minha alma. Pois no ano mil e cem depois da encarnação de Cristo, **a doutrina dos apóstolos e sua ardente justiça, que havia sido o fundamento para cristãos e clérigos, começou a ser abandonada e parecia que ia desmoronar. Naquele tempo eu nasci, e meus pais, suspirosos, me prometeram a Deus** (*Ibidem*, p. 51) [destaques nossos]

Afirmou ainda ter tido uma grande visão já aos três anos de idade, e mais uma vez reforça que desde o princípio existiam sinais de que havia sido escolhida por Deus.

Aos três anos vi uma luz tal que minha alma estremeceu, mas devido à minha pequenez, nada pude proferir acerca disto. Aos oito anos fui oferecida a Deus para a vida espiritual e até os quinze vi muito e explicava de um modo muito simples. **Os que ouviam ficavam admirados, perguntando-se de onde vinha e de quem era. Surpreendeu-me muito o fato de que, enquanto olhava para o mais fundo de minha alma, mantinha também a visão exterior, nunca tinha ouvido nada parecido de ninguém, o que me fez esconder ao máximo a visão que via na alma** (*Ibidem*) [destaques nossos]

Hildegard forneceu informações sobre seu desenvolvimento, dos oito aos quinze anos, destacando que as suas visões eram diferentes de todas as que ouvira falar e ainda descreveu sua perplexidade diante do espanto das pessoas que ouviam o que ela via e explicava. Por não entender muito bem o que estava ocorrendo, tomou a decisão de

ocultar ao máximo as visões. À medida que ia ganhando consciência, notava também que era diferente, “separada” das outras pessoas.

Ela revelou que desde criança era acometida por doenças e tinha o corpo frágil, o que a impediu de conhecer boa parte das coisas do mundo exterior, e novamente expôs sua decisão de ocultar o que acontecia, pois as outras pessoas não viam o mesmo que ela. Quando revelava algo acerca do futuro, se envergonhava e chorava arrependida:

Eu desconhecia muitas coisas externas devido às minhas doenças frequentes que têm me afligido desde bebê até agora, afetando meu corpo e me deixando sem forças. [...] Então me senti tomada por um grande medo e não ousei dizer nada a ninguém, mas, por falar de muitas coisas, costumava descrever em detalhes coisas do futuro. [...] me envergonhava e chorava, e teria preferido calar-me se tivesse sido possível. Por medo dos homens, não me atrevi a contar a ninguém o que via. Mas a nobre mulher que me educava percebeu isso e contou a um monge que conhecia. (*Ibidem*, p. 52) [destaques nossos]

Hildegard, em meio a muitos elogios, revela que sua mestra e abadessa Jutta von Sponheim contou ao monge Volmar sobre as suas visões. Apenas alguns anos após a morte de Jutta, Hildegard, já abadessa, foi forçada por Deus a divulgar as visões. Estas citações foram uma retomada da história de vida de Hildegard, da infância aos 42 anos e 7 meses, quando tudo mudou, e são importantes porque revelam a sua perspectiva acerca de sua própria história.

Ademais, as repetições e ênfases que ela dá a determinados acontecimentos, à forma como aconteciam as visões, à sua própria fraqueza e ignorância, demonstram a preocupação que tinha com a sua imagem, em ser bem compreendida e ser vista como uma mulher que poderia ser ouvida e obedecida sem temor.

5 “EU, POBRE E INDOUTA FORMA FEMININA”

A partir do que foi exposto nos capítulos anteriores – que Hildegard deixou escritos autobiográficos, que forneceu detalhes sobre sua atuação pública, que se referiu a si própria de maneiras bem específicas e que registrou suas reações pessoais diante de eventos adversos, como a mudança da freira Richardis e o interdito do convento de Rupertsberg – é possível esboçar a possível autoimagem de Hildegard von Bingen.

Hildegard, em suas *Cartas*, refere-se a si própria com algumas expressões que se repetem e servem para ressaltar a sua ignorância – ao afirmar isto, ela demonstra que é humilde e sincera, portanto, digna de confiança –, ao mesmo tempo em que contrastam com a grandeza de seu ofício. Isto significa que já na maneira de se apresentar o seu profetismo está presente.

A principal expressão, que aparece tanto nas *Cartas* como em seus livros visionários⁶⁰, é “pobre pequena forma de mulher”⁶¹, e variações como “pobre mulherzinha”, “pobre pequena forma feminina”, “pobre pequena e iletrada forma feminina”, “pobre pequena frágil forma de mulher”, “pobre pequena criatura” e ainda “pobre, pequena e tímida figura de mulher”. Por exemplo, na *Carta* ao arcebispo de Mainz, Conrad, ela disse: “Mestre, ouve esta pobre criaturinha escrevendo para ti coisas que tem visto na Luz Verdadeira, para que possas estender a mão a todos nós que, em nossa necessidade, corremos para ti” (HILDEGARD VON BINGEN, 1994, p. 75), e ao Bispo de Bamberg, Eberhard, ela escreveu:

Pai, eu, uma **pobre mulherzinha**, só sou capaz de falar sobre a pergunta que me fizeste porque olhei para a Luz Verdadeira, e estou enviando a resposta que vi e ouvi em uma verdadeira visão - não são minhas palavras, eu recordo, mas da Luz Verdadeira. (HILDEGARD VON BINGEN, 1994, p. 95)

Com frequência também se vê em suas *Cartas* comparações de si e de outras mulheres com instrumentos musicais, como trombeta e lira, pois não emitem som se não

⁶⁰ Também é muito utilizada por Hildegard na *Explanatio Symboli Sancti Atanasii* e na *Explanatio Regula Sancti Benedicti*, notou Ferrante (2015). Citando Chenu, Ferrante afirma que “forma” é um dos conceitos mais difíceis de serem compreendidos, pois era utilizado de diferentes maneiras na Idade Média, mas que Hildegard provavelmente estava pensando como Guillaume de Conches e utilizando como “pessoa”.

⁶¹ Sua ignorância era apontada pelos detratores como motivo para desacreditar as suas mensagens. Isto ela mesma expressa na *Vida*: “Mas o antigo enganador me enchia de escárnios, de modo que muitos disseram: “Que é isto de que tais mistérios sejam revelados a esta mulher inculta e néscia, quando existem tantos homens fortes e sábios? Tudo isto precisa acabar!” (HILDEGARD VON BINGEN, 2001, p. 55-56).

houver quem os toque. Nestas expressões está nítida a ênfase na atuação como mensageira de Deus, residindo aí a relevância do que diz, não em sua pessoa. Ela faz revelações não por si mesma, mas pela ação de Outro.

Na *Carta* ao abade Ludwig, falou em lira; e nas *Cartas* ao Papa Alexandre III, aos bispos Godfrey e Henry, e à freira Elisabeth von Schönau, ela chamou a si própria de trombeta de Deus:

Devem deixar para Aquele que é do céu as coisas do céu, porque são **exilados ignorantes das coisas do alto e só podem tocar os mistérios de Deus como uma trombeta, que apenas dá o som como resposta, mas não funciona sozinha**, pois é o Outro que sopra nela que pode emitir o som. [...] Ó minha filha, que Deus faça de ti um espelho da vida. Eu também **me recolho na pequenez do meu entendimento**, e estou muito cansada devido à inquietude e ao temor. No entanto, **de tempos em tempos eu ressoo um pouco, como o som fraco de uma trombeta da Luz Viva**. Que Deus me ajude, então, a continuar a Seu serviço. (HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 181)

Outra expressão frequente é “vaso frágil”. Esta é a forma utilizada para apresentar-se como alguém “vazio”, ignorante e inocente, apto a receber conhecimento inteiramente advindo da fonte divina, a fim de não restarem dúvidas de que tudo o que ensina vem de Deus. Segundo ela, o primeiro atributo necessário para ser um vaso frágil é a fraqueza física e o sofrimento; assim, a pessoa é “um vaso digno de Deus” não suscetível ao orgulho e à vaidade, e sustentada por Ele. Esta expressão é utilizada, por exemplo, nas *Cartas* para Guibert e para Elisabeth von Schönau⁶².

Destaca-se ainda que, segundo Deploige (1998) e Mews (1998), Hildegard referiu-se a si própria como ser humano frágil (*homo fragilis*) muito mais que como mulher, e que só utilizou este termo em relação a si própria nos momentos em que buscou enaltecer sua pequenez e ignorância, já Épiney-Burgard e Brunn (2007, p. 45) notaram o uso do termo *homo simplex*. É interessante destacar isto, porque a identidade dela é baseada em seu ofício profético, não no sexo, e assim ela mesma, na escrita tipológica, se compara apenas a profetas homens, principalmente a Moisés, Ezequiel e Jeremias.

O emprego destas expressões denota que Hildegard tem plena consciência de seu dom, de seu papel no mundo e de seu tamanho, em comparação à missão recebida, a Deus e à importância das pessoas que denuncia. Ademais, isto destaca o papel central do

⁶² “Aqueles que anseiam por completar as obras de Deus devem sempre lembrar que são vasos frágeis, pois são apenas humanos” (HILDEGARD VON BINGEN, 1998, p. 181)

profetismo em sua vida e em seu pensamento (KERBY-FULTON, 1998), de modo que sua apresentação é inteiramente baseada nele. Sua identidade é profética. Esta foi a maneira como escolheu se apresentar publicamente, e assim teve sua autoridade reconhecida como profetisa, pois o profeta é aquele que recebe uma inspiração externa e se torna pessoa pública, como mensageiro, para veicular a revelação recebida.

Sabe-se que auto apresentação não é sinônimo de autoimagem. Hildegard apresentar-se fazendo uso destas expressões, isoladamente, não significa muito, principalmente quando se recorda que a auto apresentação – uma maneira de comunicar simbolicamente informações sobre si para os outros – pode ser feita com vistas à manipulação de outrem, por meio de uma imagem conveniente que permita alcançar determinados objetivos, afinal, como escreveu Goffman (1975, p. 4): “geralmente há alguma razão para ele [o indivíduo] mobilizar a sua atividade para que ela transmita aos outros uma impressão que é de seu interesse transmitir”.

É preciso lembrar, no entanto, que auto apresentação também não é sinônimo de um falseamento em prol da aceitação (TICE, 1995). Quem se apresenta de determinada maneira não necessariamente busca manipular a imagem que a outra pessoa tem dele. Na verdade, o mais comum, inclusive, é que a auto apresentação seja de fato a transmissão de uma imagem precisa de si – talvez um pouco polida e melhorada –, que a pessoa crê verdadeira. O mais comum, portanto, é que haja sintonia entre a maneira como a pessoa se apresenta e a maneira como se vê, de modo que, embora não haja total e necessária correspondência entre auto apresentação e autoimagem, a autoimagem, a percepção subjetiva que alguém tem de si mesmo (COON, 1997), é refletida e influencia o modo como a pessoa se apresenta. Tendo isto em vista, pode-se dizer que a maneira como Hildegard se apresenta é condizente com a sua autoimagem.

A autoimagem, por sua vez, é influenciada por fatores externos, pois a gama de papéis sociais que a pessoa pode ter e mesmo o juízo que faz a respeito, dependem deles. Assim, a cultura e a estrutura social – estando aí inseridos classe, raça, gênero, nacionalidade, religião etc. (LEARY, 2012) – influenciam o pensamento do indivíduo, conseqüentemente, o padrão de comportamento que este apresenta. A maneira como a pessoa se vê e se porta no mundo, portanto, está dentro da gama de possibilidades apresentadas pela cultura e estrutura social nas quais está inserida. Assim, pela maneira como Hildegard se apresenta, é possível inferir a sua autoimagem, que é condizente com a “crença geral” da sociedade da época.

Outros elementos do pensamento de Hildegard corroboram esta tese de que ela de fato se via da maneira como se apresentava, por exemplo: a noção de que há papéis sociais específicos para homens e para mulheres, sendo a atuação pública uma atividade masculina. Hildegard cria viver num tempo decadente, devido ao cisma, à heresia e à corrupção do clero, e a seu tempo ela se referia como “tempo afeminado”⁶³ (*tempus muliebre est*), no qual a justiça de Deus estava fraca. Assim ela demonstrava crer que o “natural” é que homens atuem publicamente e que mulheres como ela só o fazem em situação excepcional, devido à omissão deles. Opinião similar é expressa por Elisabeth von Schönau⁶⁴, que também foi profetisa no século XII.

Hildegard valorizava o mundo espiritual e o colocava em alta conta, em relação ao físico, também por isto é improvável que ela dissimulasse, mentisse, para alcançar notoriedade e ser respeitada e obedecida, pois esta prática até poderia trazer ganhos imediatos, mas ocasionaria “problemas” no porvir, de acordo com suas crenças, afinal de contas, mentir é pecado.

Outra informação que precisa ser destacada, por corroborar com o posicionamento de que a autoimagem de Hildegard casa com a sua auto apresentação, é a de que ela era de temperamento melancólico. Segundo Peter Dronke e Barbara Newman, por exemplo, a própria Hildegard se considerava melancólica, pois utilizou as mesmas expressões para falar sobre si nas *Cartas* e para descrever as melancólicas em seus livros médico-científicos, principalmente o II do *Causae et Curae*.

Pessoas melancólicas, segundo a própria Hildegard (2013, p. 50), são muito úteis a Deus, tendem a ser “sobrecarregadas com doenças incômodas” e têm muito medo e insegurança. Desta mesma maneira ela fala sobre si tanto nas descrições da infância como ao relatar as suas visões e o início de sua atuação pública. Sua insegurança e temor eram tão grandes que precisou da chancela de Bernard de Clairvaux e do próprio papa para começar a atuar publicamente.

Ademais, Hildegard sempre demonstrou ter uma noção muito clara de seu tamanho, diante de Deus, e plena consciência de seu dom e de seu papel no mundo, por isso o desempenhou com total segurança. Esta segurança se nota em diversos momentos de sua vida, principalmente nos mais adversos, como a saída, com suas freiras, para Rupertsberg, e o interdito que seu convento sofreu no final de sua vida. Se Hildegard não tivesse absoluta confiança no que lhe havia sido revelado, possivelmente teria desistido

⁶³ Por exemplo, nas *Cartas* 23 e 26.

⁶⁴ Ver citação na página 38.

de mudar-se com suas freiras diante da primeira dificuldade imposta pelos monges de Disibodenberg; se fosse regida meramente pela razão, sequer cogitaria a possibilidade de mudar-se, com suas freiras nobres, de um local aprazível, com campos férteis e vinhas, para um local onde sequer havia água⁶⁵; se fosse uma pessoa vaidosa, preocupada única e exclusivamente com a aprovação popular e das autoridades, teria “providencialmente” mudado de ideia e desconversado ao ser alvo de deboches e críticas. Também, ao final de sua vida, ao ver seu mosteiro interdito, sem que suas duas colunas – a música e a eucaristia – pudessem lá ser ministradas, ela poderia simplesmente ter obedecido, sem fazer grande caso, mas persistiu, em obediência à revelação divina que havia recebido.

Nota-se, assim, que, mesmo nos momentos em que suas visões foram mal vistas e suas decisões criticadas, ela manteve-se firme quando poderia facilmente, para agradar aos poderosos, voltar atrás, fazer o que dela esperavam e permanecer benquista e respeitada por todos. Assim Hildegard demonstrou crer piamente nas visões decorrentes de sua natureza profética e ter um compromisso total e irrestrito com a sua missão, permanecendo firme e segura de suas ações, independentemente das reações em sentido contrário das pessoas ao seu redor.

A personalidade de Hildegard, portanto, era tipicamente profética. Ela era, ao mesmo tempo, humilde e segura: humilde, por reconhecer sua pequenez diante de Deus, da grandiosidade da missão recebida e do poder e influência daqueles que precisava denunciar; e segura, porque a força divina a impelia a atuar, e Deus não engana nem se engana. Ela não tinha dúvidas, portanto, de que sua atuação era inspirada, e a mensagem revelada, verdadeira. Hildegard tinha absoluta certeza do que estava fazendo e era totalmente comprometida com o perfeito cumprimento de sua missão. Alonso Schökel, ao falar da personalidade dos profetas, bem descreve a própria Hildegard:

Pelo fato de viverem existencialmente inseridos na realidade divina adquirem a segurança inabalável de possuírem sua palavra. A vontade de Deus converte-se em vontade do profeta; as metas divinas, no seu ideal humano. Toda a personalidade profética entra a serviço dos desígnios de Deus. Sua vida é agora vida de obediência. É nessa apropriação religiosa da palavra de Deus por eles recebida que radica o

⁶⁵ “Quando o meu abade e os monges, bem como os vizinhos, souberam dessa mudança, que queríamos sair de campos férteis, vinhas e um local agradável para outro, onde não havia água e onde nada era aprazível, ficaram surpresos e, para que não acontecesse, juraram que **nos colocariam todas as dificuldades possíveis. Disseram de mim que tinha sido enganada pela vaidade. Quando ouvi isso, meu coração doeu, minha carne e minhas veias secaram, e por muitos dias fiquei acamada**”. (Ibidem)

ponto de origem de todas as linhas que configuram a vida do profeta (SCHÖKEL, 2018, p. 35).

Assim, no exercício de seu ministério, Hildegard mostra-se uma mulher decidida, atenta, sagaz e inteligente, e pode-se, sim, dizer que ela não apenas procurou se apresentar como profetisa – com uso de expressões similares e comparações tipológicas, com Ezequiel, Daniel, Josué e Moisés, por exemplo -, mas que, de fato, se enxergava como profetisa, como porta-voz de Deus.

Hildegard acreditava em suas visões, no teor daquelas mensagens, sendo elas bem recebidas pelos demais ou não, e levava muito a sério o desempenho de seu ofício profético, não fazendo concessões, mas mantendo-se fiel à missão de divulgar o que lhe havia sido revelado, independentemente das consequências e da receptividade das pessoas. Em situações favoráveis ou desfavoráveis, sendo ouvida com respeito e obedecida, ou sendo julgada com severidade e confrontada pelas autoridades, Hildegard manteve os seus posicionamentos, não retrocedeu e, quando preciso, a muitos contrariou para permanecer fiel.

Nota-se que ela tomava com o máximo de seriedade as suas próprias visões pelo excessivo zelo para que suas mensagens não fossem alteradas. Ela elogia as freiras e o monge Volmar, que tomavam notas do que dizia, por anotarem as suas próprias palavras, embora seu latim fosse rudimentar. Ao monge Guibert, lembrou que, quando corrigisse suas obras, deveria seguir esta regra: “seja somando ou subtraindo, nada seja alterado. Apliques tua habilidade apenas para fazer correções onde a ordem ou as regras do latim correto são violadas” (NEWMAN, 1987, p. 23). E no epílogo do *Liber Divinorum Operum*, fez uma séria advertência:

Que ninguém se atreva a mudar uma única palavra desta escritura, nem a acrescentar nem a retirar, para não ser apagado do Livro da Vida e de toda bem-aventurança debaixo do Sol, com a única exceção de acrescentar explicações às palavras e frases que foram pronunciadas com simplicidade, por inspiração do Espírito Santo. Quem tentar fazer o contrário, saiba que peca contra o Espírito Santo. E este pecado não lhe será perdoado nem aqui nem no futuro. (HILDEGARD DE BINGEN, 2013, p. 317)

Isto demonstra a reverência que ela tinha pelas revelações, e que por muito tempo ela considerou até mesmo o latim rudimentar em que eram apresentadas parte integrante e imutável da mensagem recebida.

É preciso lembrar ainda que existem dois “autorretratos” (Anexos B e C) de Hildegard, um no *Scivias* e outro no *Liber Divinorum Operum*, que expressam a autoimagem dela. Em ambos ela aparece sentada, olhando para cima, enquanto é atingida por línguas de fogo e registra suas visões – não se sabe se por escrito ou desenho – em tábuas, acompanhada pelo monge Volmar que escreve o que ela dita, e, na segunda iluminura, também por uma freira. Ambos são testemunhas que atestam a veracidade da experiência visionária de Hildegard.

O fato de aparecer registrando em tábuas a relaciona imediatamente a Moisés, reforçando a noção de que Hildegard via-se como profetisa aos moldes veterotestamentários, e as línguas de fogo remetem ao Pentecostes. Moisés viu a sarça ardente e no Pentecostes desceram do céu línguas de fogo sobre os discípulos. Nesta iluminura, Hildegard se apropria das duas ocasiões e, mais uma vez, fala de sua vocação profética.

Assim como Deus apareceu a Moisés do meio da sarça ardente e, dirigindo-se a ele, o enviou para tirar o povo do Egito (Ex 3,12); assim como os apóstolos – a começar por Pedro –, ao serem tocados pelas línguas de fogo, ficaram cheios do Espírito Santo⁶⁶ e começaram a pregar, cumprindo, segundo ele, o que foi dito em Joel 3,1-5, também Hildegard só iniciou sua atuação pública após esta experiência. Matthew Fox (1985, p. 28) lembra que a própria intenção dos apóstolos, expressa por Pedro ao falar “vocês devem se arrepender”, é também a intenção de Hildegard: provocar a contrição e uma verdadeira mudança de vida.

A primeira imagem, do *Scivias*, é o registro do evento definidor de sua vida, ocorrido em 1141, quando começou a escrever e a atuar publicamente. Ela aparece vestida com seu hábito e segurando as tabuinhas no momento da revelação, em que as chamas penetram seu cérebro. Esta iluminura reforça a intenção do prólogo, “que não é outra senão conceder ao livro uma autoria que reside no acontecimento extraordinário” (CIRLOT, 2005, p. 27).

Já o retrato do *Liber Divinorum Operum* – que talvez não tenha contado com a participação direta de Hildegard na execução e “provavelmente foi feito com vistas a

⁶⁶ Atos 2, 14-19: “Pedro, então, pondo-se de pé em companhia dos Onze, com voz forte lhes disse: “Homens da Judeia (...) cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel: Acontecerá nos últimos dias – **é Deus quem fala** –, que derramarei do meu Espírito sobre todo ser vivo: **profetizarão os vossos filhos e as vossas filhas. Os vossos jovens terão visões, e os vossos anciãos sonharão. Sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei naqueles dias do meu Espírito e profetizarão. Farei aparecer prodígios em cima, no céu, e milagres embaixo**, na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça” [destaques nossos]

realizar um projeto de ilustração concebido pela própria Hildegard e seu entorno” (HILDEGARD VON BINGEN, 2001, p. 20) – aparece em tamanho reduzido, estando o restante da página preenchida pela representação da visão. A mesma miniatura aparece abaixo da representação de todas as visões, “reforçando a ideia da visão como a experiência de um sujeito” (CIRLOT, 2005, p. 39).

Nas duas iluminuras, o foco está na experiência visionária, e Hildegard aparece como sujeito que passou por elas, de forma que sua identidade tem completa relação com as visões e seu caráter profético é exaltado.

Vê-se, portanto, por tudo o que foi apontado, que a autoimagem de Hildegard está em sintonia com a sua auto apresentação. Embora a autoimagem possa mudar com o tempo, de acordo com a receptividade ou não dos demais, a dela não apresentou nenhuma variação⁶⁷ – ao menos dos seus 42 anos até o final de sua vida, período de que se tem registro –, e isto se deve ao fato de ver-se como profetisa, crendo piamente em suas visões e no seu chamado para ressoar como uma trombeta, que apenas dá o som como resposta, mas não funciona sozinha.

⁶⁷ A mudança de “feedback”, tendo começado a enfrentar resistência por parte das autoridades e zombaria por parte dos populares, parece não ter influenciado na maneira como ela se via e se apresentava, de forma que é possível afirmar que ela não sucumbiu ao chamado “processo de ‘confirmação comportamental’, pelo qual as pessoas começam a agir com o intuito de confirmar as expectativas alheias” (THAGARD, 2015, p. 5)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstra que a partir do estudo das *Cartas* e dos prólogos dos livros visionários de Hildegard von Bingen (1098-1179), fontes consideradas autobiográficas, é possível conhecer muito de sua autoridade profética e de sua concepção de si.

As *Cartas*, que, desde o princípio, estão no limiar entre a ficção e a realidade, registram tanto o desenrolar de grandes eventos históricos como a percepção individual do autor sobre eles e sobre a própria vida, por isso, são uma importante fonte de pesquisa. Elas apresentam os fatos do ponto de vista do autor e testemunham sua visão particular de mundo, sua personalidade, influências e história pessoal. Mesmo a carta medieval, que é marcada por uma escrita formal e por uma série de convenções que precisavam ser observadas, registra, especialmente no século XII, muito da subjetividade dos correspondentes, que abordam suas angústias, preocupações, dúvidas vocacionais, paixões e dilemas íntimos.

As quatrocentas *Cartas* de Hildegard von Bingen, portanto, são uma rica fonte de informações não apenas sobre a cultura e a sociedade da época, mas também – e principalmente – por apresentarem um caráter autobiográfico, com a narração de eventos de sua história pessoal, sentimentos, dramas e marcas de sua personalidade; o lado mais sensível e vulnerável de Hildegard está impresso em algumas de suas *Cartas*, como se nota nas correspondências relacionadas à freira Richardis.

Assim se vê que, em pleno século XII, “era de ouro da epistolografia”, e, segundo muitos autores, período em que ocorreu a “descoberta do indivíduo”, Hildegard deixou também escritos autobiográficos. Embora não apresente em seus textos tantas marcas de individualidade – se comparada a outras personalidades da época, como Bernard de Clairvaux e Pierre Abélard -, também faz parte deste movimento, como lembra Cirlot (2001, p. 55), ao escrever na primeira pessoa do singular, ao reafirmar sua individualidade utilizando certas expressões e ao destacar que havia sido escolhida por Deus. Falar sobre si referenciando a todo momento suas visões; sua escolha, por parte de Deus, desde a mais tenra idade para tal ofício; e suas doenças e pequenez, é registro claro da maneira como ela via a si própria e à sua atuação.

Por seus próprios escritos, sabe-se que Hildegard, diferentemente da maioria das mulheres religiosas de sua época, desempenhou um importante papel na sociedade medieval, pregando, viajando, operando milagres, aconselhando e exortando papas e

imperadores. Com uma visão de mundo apocalíptica, Hildegard viu com profunda consternação a corrupção, imoralidade e má formação do clero, que permitiu a disseminação da heresia cátara, e as interferências indevidas do poder secular, principalmente do imperador, na Igreja, que chegou a provocar um cisma.

Assim, em pleno século XII, período repleto de embates entre o poder temporal e o espiritual, de discussões filosóficas e teológicas e de grandes guerras, Hildegard foi chamada por Deus para orientar as pessoas como Sua mandatária. A esta atuação pública referiram-se muitas vezes, em *Cartas*, tanto Hildegard como seus correspondentes. São menções a viagens; pedidos de cópias de sermões pregados em determinadas localidades; e ainda literalmente exortações e avisos enviados para diversas autoridades, mesmo que não tenham requisitado.

No entanto, mesmo denunciando e exortando pessoas influentes, acumulando desafetos e inimigos, ao longo da maior parte de sua vida Hildegard pôde desempenhar seu ofício sem maiores problemas e sem grandes tentativas de silenciamento. Isto só foi possível por causa de sua autoridade, mais facilmente reconhecida e respeitada devido à sua identificação como profetisa e ao uso de algumas estratégias discursivas, como a ênfase em sua ignorância e pequenez; a ênfase nas doenças e no sofrimento; a ênfase no fato de estar obedecendo à ordem divina para que pregasse e a noção de que, desde a mais tenra idade, já apresentava sinais de ser alguém diferente, escolhida para uma missão única.

Tanto na forma como no conteúdo, há semelhanças entre o discurso de Hildegard e o dos profetas veterotestamentários. A eles, ela buscou se ligar pelo uso das estratégias discursivas já identificadas e pela escrita tipológica, em que os eventos de sua vida são explicados à luz dos acontecimentos relativos a profetas, como Moisés, Ezequiel e Jeremias, e a eles sua escrita se assemelha pelo uso de diversas figuras de linguagem, bastante rica em imagens e símbolos.

Hildegard não apenas se apresenta de maneira similar aos profetas e a eles buscou se ligar por meio das comparações, ela de fato via-se como profetisa, e isto se nota pela seriedade com que encara a sua missão, devido à certeza de que suas revelações eram provenientes de Deus. Hildegard busca ser fiel à missão recebida do Alto em todos os momentos, mesmo nos mais adversos, como, no final de sua vida, quando o mosteiro de Rupertsberg sofreu sanções injustas e severas que afetaram os dois pilares da vida religiosa local: a música e a eucaristia.

Por este compromisso total com a sua missão, independentemente das consequências, por pior que fossem, nota-se que Hildegard não procurou apresentar-se como profetisa apenas “da boca para fora”, para ser obedecida e respeitada, mas que ela realmente se via desta maneira, cria piamente nas suas visões e no mandato divino recebido, levando seu ofício mortalmente a sério e buscando a realização daquilo que lhe fora revelado como correto.

Vê-se, portanto, que as *Cartas* são uma rica fonte de pesquisa tanto em relação à sua autoridade profética como à personalidade de Hildegard. Elas atestam que a sua atuação pública ocorreu, principalmente, por meio de viagens, pregações e das próprias *Cartas*; que pela identificação como profetisa e pelo uso de estratégias discursivas, Hildegard, mulher carismática e inteligente, pôde ter tanta influência; e que ela não apenas se expressava de maneira similar às dos profetas, mas de fato assim se enxergava.

Por meio da auto apresentação é possível identificar a autoimagem de Hildegard porque normalmente aquela é por esta influenciada e com ela concorda. Este pensamento, de que Hildegard se apresentava da maneira como de fato se via é corroborado pela observação da postura de Hildegard em momentos decisivos de sua vida, em que enfrentou a oposição de autoridades e populares e não apresentou nenhuma alteração em suas falas e ações; pelo empenho com que empregava suas forças para a execução de sua missão e pela insistência para que nenhuma palavra de seus textos fosse alterada, o que denota que ela de fato cria em suas visões e levava muito a sério o seu ofício profético. Sua auto apresentação e sua autoimagem são condizentes com o seu temperamento melancólico e com suas crenças em relação ao seu tempo e aos papéis sociais dos homens e das mulheres.

Este trabalho, portanto, demonstrou que Hildegard deixou textos autobiográficos importantes nos quais expressou sua visão sobre si e sobre a sua atuação pública com detalhes; que ela atuou como profetisa, se expressou como profetisa, se apresentou como profetisa e, de fato, via-se como profetisa.

REFERÊNCIAS

ABAEILDARDUS, Petrus. **Dialectica**, V, II; ed. L. M. de Ruk, Assen, Van Gorcum & Comp., 1956.

ABERLARDO, Pedro. **Ética, ou conhece-te a ti mesmo**. Scito te ipsum. Tradução de Tiago Tondinelli. Campinas/SP: Ecclesiae, 2016.

AHLGREN, Gillian T. W. Visions and Rhetorical Strategy in the Letters of Hildegard of Bingen in **Dear Sister: Medieval Women and the Epistolary Genre**, ed. Karen Cherevatus, and Ulrike Wiethaus, (University of Pennsylvania Press, 1993)

ALFORD, John A. The Grammatical Metaphor: A Survey of Its Use in the Middle Ages. **Speculum**, Vol. 57, No. 4 (Oct., 1982), pp. 728-760 Published by: Medieval Academy of America Stable.

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DÍAZ, José Luis. **Profetas I: Isaías - Jeremias**. São Paulo: Paulinas, 2018.

Analecta Sanctae Hildegardis. Ed, Jean-Baptiste Pitra. *Analecta Sacra*, vol. 8. Monte Cassino, 1882.

AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1994.

BENTON, John F. “Consciousness of Self and Perception of Individuality”, em **Renaissance and Renewal in the Twelfth Century**. R. L. Benson, G. Constable, C. D. Lanham (eds.), Toronto: University of Toronto Press, 1991.

BRIEN, Donna e EADES, Quinn. **OFFSHOOT: Contemporary Life Writing Methodologies and Practice**. Crawley: UWA Publishing, 2018.

BOSE, Aparna L. **Writing Gender, Writing Self – Memory, Memoir and Autobiography**. Philadelphia: Routledge, 2020.

BROWN, Raymond. **Entendendo o Antigo Testamento – esboço, mensagem e aplicação de cada livro**. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

CAMARGO, M. Ars dictaminis, Ars dictandi. **Typologie des sources du Moyen Âge occidental**; Vol. 60. Turnhout: Brepols, 1991.

CANO AGUILAR, Rafael. Los prólogos alfonsíes, **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, Université de Paris, N°14-15, p. 79-90, 1989.

CAVINESS, Madeline. "Hildegard as Designer of the Illustrations to her Works." In **Hildegard of Bingen: The Context of her Thought na Art**, ed. Charles Burnett and Peter Dronke, 29-62. London: Warburg Institute, 1998.

CIRLOT, Victoria. **Hildegard von Bingen y la tradición visionaria de Occidente**. Barcelona: Herder, 2005.

CLARAVAL, São Bernardo de. **Os Graus da Humildade e da Soberba**. Porto Alegre: Editora Concreta, 2016.

COAKLEY, John. **Women, Men, and Spiritual Power – Female Saints and Their Male Collaborators**. New York: Columbia University Press, 2006.

CONSTABLE, Giles. **The Letters of Peter the Venerable**. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

COON, D. **Essentials of Psychology: Exploration and Application**. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole, 1997.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CURTIUS, Ernest R. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DEPLOIGE, Jeroen. **Hildegard de Bingen y su libro Scivias. Ideologia y Conocimiento de una Religiosa del Siglo XII**. Flandes: Universidad de Gante, 1998.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. São Paulo: EDUSP, 2015.

DRONKE, Peter. **Poetic Individuality in the Middle Ages**. New Departures in poetry, 1000-1150. London: Westfield Publications in Medieval Studies, 2002.

DRONKE, P. **Women Writers of the Middle Ages – A Critical Study of Texts from Perpetua (203) to Marguerite Porete (1310)**. Nova York: Cambridge University Press, 2001.

ELLEDGE, Allison J. **Publicity through the voice of God: Hildegard of Bingen as a Public Figure in the Twelfth Century**. Graduate Paper, University of Tennessee Knoxville, 2009.

ÉPINEY-BURGARD, G.; BRUNN, Émile Zum. **Mujeres Trovadoras de Dios: Una tradición silenciada de la Europa medieval**. Trad. A. López e M. Tabuyo. Barcelona: Paidós, 2007.

FARIA, Jacir de Freitas. **Profetas e profetisas na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FERRANTE, Joan M. What Really Matters in Medieval Women's Correspondence in **Medieval Letters: Between Fiction And Document**, Christian Høgel and Elisabetta Bartoli eds. Turnhout: Brepols, 2015, 179-199.

FLANAGAN, Sabina. **Hildegard of Bingen: a Visionary Life**. Londres: Routledge, 1998.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.

FRAETERS, V. e GIER, Imke de (eds.). **MULIERES RELIGIOSAE Shaping Female Spiritual Authority in the Medieval and Early Modern Periods**. Turnhout: Brepols, 2014.

FREY, Herbert. Las Raíces de la Modernidad en la Edad Media. **Revista Mexicana de Sociología**, Universidad Nacional Autónoma de México, Vol. 53, No. 4, p. 3-44, Oct. - Dec., 1991.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GOLDY, Charlotte N.; LIVINGSTONE, Amy. **Writing Medieval Women's Lives**. Londres: Palgrave Mcmillan, 2013.

GÓNGORA, María Eugenia. Acercamiento a las emociones medievales: Dos cartas de Hildegard de Bingen (1098-1179). **Revista Chilena de Literatura**, Universidad de Chile, Num. 82, p. 143-157, Noviembre, 2012.

GRILLMEIER, Alois. "Maria Prophetin", **Revue des Études Augustiniennes XI**, 1956, pp. 295-312.

GUERRERO, R. Ramón. **Historia de la Filosofía Medieval**. Madrid: AKAL, 1996.

GUERRERO, R. Ramón. La Afirmación del Yo en el siglo XII: Pedro Abelardo y San Bernardo, **Anales del Seminario de Historia de la Filosofía**, Universidad Complutense de Madrid, vol. 12, p. 11-32, 1995.

HADEWIJCH. **Visionem**. Frank Willaert (ed.). Amsterdam: Prometheus, 1996.

HILDEGARD OF BINGEN. **Illuminations of Hildegard of Bingen**. (ed.) Matthew Fox. Santa Fe: Bear & Company, 1985.

HILDEGARD VON BINGEN E THEODORIC VON ECHTERNACH. Victoria Cirlot (ed). **Vida y Visiones de Hildegard von Bingen**. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

HILDEGARD VON BINGEN. **Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades**. Madrid: Hildegardiana, 2013.

HILDEGARD VON BINGEN. **The Letters of Hildegard of Bingen**. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. I, 1994.

HILDEGARD VON BINGEN. **The Letters of Hildegard of Bingen**. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998.

HILDEGARD VON BINGEN. **The Letters of Hildegard of Bingen**. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. III, 2004.

HILDEGARD VON BINGEN. **The Personal Correspondence of Hildegard von Bingen**. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrmann. New York: Oxford University Press, 2006.

HILDEGARD VON BINGEN. *Epistolae*. In: **Patrologia Latina**. Ed. J.-P. Migne. vol. 197. Paris: Migne, 1841-1864.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Libro de las Obras Divinas**. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: www.hildegardiana.es. Acesso em: 18 de julho de 2021.

HILDEGARDA DE BINGEN. **Libro de los Méritos de la Vida**. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: www.hildegardiana.es. Acesso em: 05 de junho de 2021.

HILDEGARDIS BINGENSIS. **Epistolarium**. Ed. Lieven van Acker. CCCM (Corpus Christianorum, Continuatio Medievalis). Turnhout: Brepols, 1991.

JOHN OF SALISBURY. **The Letters of John of Salisbury 2: The Later Letters (1163-1180)**. Ed. William J. Millor and Christopher N. L. Brooke. New York: Oxford University Press, 2003.

JONES, M. Rufus. **Studies in Mystical Religion**. London: MacMillan and Co., Limited, 1909.

KERBY-FULTON, Kathryn. "Prophet and Reformer: 'Smoke in the Vineyard'." In Barbara Newman, ed., **Voice of the Living Light: Hildegard of Bingen and her World**. Berkeley: University of California Press, 1998. 70-90.

KERBY-FULTON, Kathryn. "Self-Image and the Visionary Role in Two Letters from the Correspondence of Elisabeth of Schönau and Hildegard of Bingen" em *Vox Benedictina* 2, 1985.

LEARY, Mark R.; TANGNEY, June P. **Handbook of Self and Identity**. New York: The Guilford Press, 2012.

LOMER, Beverly R. **Music, Rhetoric and the Creation of Feminist Consciousness in the Marian Songs of Hildegard of Bingen (1078-1179)**. 2006. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Florida Atlantic University, 2006.

MARTINIANO, Maria Carmen G. **A Espiritualidade de Hildegard von Bingen: profecia e Ortodoxia**. 2009. Dissertação (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MCGINN, Bernard. **O desenvolvimento da mística: de Gregório Magno até 1200**. São Paulo: Paulus, 2017.

MCGINN, Bernard. **Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages**. New York: Columbia University Press, 1998.

MEWS, Constant. Religious Thinker "A Frail Human Being" on Fiery Life p 52-69 em **Voice of the Living Light. Hildegard of Bingen and Her World** de Barbara Newman. Berkeley: University of California Press, 1998.

MISCH, Georg. **A History of Autobiography in Antiquity Part One**. Philadelphia: Routledge, 2014.

MONLOUBOU, Louis. **Los Profetas del Antiguo Testamento**. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1987.

MORRIS, Colin. **The Discovery of the Individual, 1050–1200**. Toronto: University of Toronto Press, 2012.

MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús; RIQUER, Isabel de. **El prólogo literario en la Edad Media**. Madrid: UNED, 1998.

NEWMAN, Barbara. **From Virile Woman to WomanChrist Studies in Medieval Religion and Literature**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

NEWMAN, Barbara. **Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine**. Berkeley: University of California Press, 1987.

NEWMAN, Barbara. **Voice of the Living Light. Hildegard of Bingen and Her World**. Berkeley: University of California Press, 1998.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Marguerite Porete: A mística como escrita de si. In: **Graphos**, v. 22, n. 3, 2020, p. 76-90.

NOGUEIRA, M. S. M.; VASCONCELOS, A. R. G. C. DE. HILDEGARD VON BINGEN E ELISABETH VON SCHÖNAU: a correspondência (cartas 201-201r) entre duas místicas visionárias do séc XII. **Trilhas Filosóficas**, v. 13, n. 1, p. 35-54, 7 set. 2020.

PEREIRA, Ana Paula Lopes. O relato hagiográfico como fonte histórica. **Revista do Mestrado de História**, v. 9, n. 10, p. 161-171, 2007.

PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PIVEC, Karl. "Stil- und Sprachentwicklung in mittellateinischen Briefen vom 8. – 12. Jahrhundert," *Mitteilungen des Instituts für österreichische Geschichtsforschung*, **Ergänzungsband** 14 (1939), 33-51.

POWER, Eileen. **Medieval Women**. Nova York: Cambridge University Press, 1997.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RENSWOUDE, Irene van. **The Rhetoric of Free Speech in Late Antiquity and The Early Middle Ages**. Nova York: Cambridge University Press, 2019.

ROMAG, Dagoberto. **História da Igreja, a Idade Média**. Sertanópolis: Calvariae Editorial, 2019.

ROSENMEYER, Patricia A. **Ancient Epistolary Fictions: the Letter in Greek Literature**. Nova York: Cambridge University Press, 2003.

SAURMA-JELTSCH, Liselotte E. — *Die Miniaturen im «Liber scivias» der Hildegard von Bingen. Die Wucht der Vision und die Ordnung der Bücher.* Wiesbaden, Reichert, 1998.

SCHARBERT, Josef. **Introdução à Sagrada Escritura.** Petrópolis: Vozes, 1983.

SCHWANTES, Milton. **Profecia e Estado: Uma proposta para a hermenêutica profética.** Em Estudos Teológicos, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, v.22, 1982, p.105-145.

SIAN RAPP, Beverlee. “A Woman Speaks: Language and Self Representation in Hildegard’s Letters,” in **Hildegard of Bingen: A Book of Essays.** Edited by Maud Burnett McInerney. New York: Garland Publishing, 1998.

SICRE DÍAZ, José Luis. **Introdução ao Profetismo Bíblico.** Petrópolis: Vozes, 2016.

TAULER, Johannes. **Predigten** – Band I. Einsiedeln: Johannes Verlag, 1979.

TAULER, Johannes. **Predigten** – Band II. Einsiedeln: Johannes Verlag, 1979.

THAGARD, Paul and WOOD. Joanne V. 2015. “Eighty Phenomena about the Self: Representation, Evaluation, Regulation, and Change”, **Frontiers in Psychology** 6:334.

TICE, D. M., BUTLER, J. L., MURAVEN, M. B., & Stillwell, A. M. (1995). When modesty prevails: Differential favorability of self-presentation to friends and strangers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 1120 – 1138.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – séculos VIII a XIII.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

WALKER BYNUM, Caroline. “Did the Twelfth Century Discover the Individual?”, **The Journal of Ecclesiastical History**, 31, 1, 1980, p. 1–17.

ANEXOS

ANEXO A - Riesencodex



ANEXO B – “Autorretrato” do Scivias



ANEXO C – “Autorretrato” do Liber Divinorum Operum